

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

MARINA LUZ FIGUEIREDO

**AMOR, NÃO LEIA:** A ÂNSIA DO AUTOR DE ESCREVER SOBRE AQUILO QUE CONHECE  
E OS ENVOLVIDOS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM ISSO

Porto Alegre  
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

MARINA LUZ FIGUEIREDO

**AMOR, NÃO LEIA**

A ÂNSIA DO AUTOR DE ESCREVER SOBRE AQUILO QUE CONHECE E OS  
ENVOLVIDOS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM ISSO

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de  
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em  
Escrita Criativa.

**Orientadora: Profa. Dra. Moema Vilela Pereira**

Porto Alegre

2023

MARINA LUZ FIGUEIREDO

**AMOR, NÃO LEIA**

A ÂNSIA DO AUTOR DE ESCREVER SOBRE AQUILO QUE CONHECE E OS  
ENVOLVIDOS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM ISSO

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de  
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em  
Escrita Criativa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Moema Vilela Pereira

---

Prof. Dr. Arthur Beltrão Telló

---

Profa. Dra. Janáina de Azevedo Baladão de Aguiar

Porto Alegre

2023

Para as minhas paixões que nunca  
deram certo e as histórias que elas me  
permitiram contar.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me introduziu às escritas de Truman Capote e todo seu drama literário que me incentivou a escrever esse trabalho. Agradeço por revisar meus textos e por rir ao ler páginas sobre histórias que já conhece. Por ter presenciado elas junto comigo e por ser minha maior confidente. Escrevo por sua causa, obrigada por me mostrar esse mundo.

À Moema, pelo apoio, orientação e pelos áudios de incentivo que eu mais precisava ouvir.

À minha tia, por nossos cafés cheios de inspirações, revisões e docinhos. Seu apoio é como cobertores quentes, sanduíches à meia noite e sucos de maçã que só tinham em sua geladeira.

À Bri, Jess, Gabs e Ange, por me mostrarem o que amor de verdade deveria se parecer. Obrigada pelo carinho, apoio, torcida, choro, cuidado, mimos e risadas compartilhadas. Agora vai ser impossível qualquer homem alcançar as minhas expectativas.

À Duda e Julia, por me aguentarem solteira. Pelas conversas de garota e inúmeras fofocas. Pela amizade que é boa de abraçar.

Obrigada a Rafa, por reclamarmos de homens no meio de uma academia para logo depois discutirmos sobre a situação literária no Brasil. Suar nunca foi tão edificante. A sua rabugice fala com a minha rabugice e te amo por isso.

Aos professores da PUCRS, que floresceram meu gosto pela escrita e me guiaram na busca pelo meu estilo de escrever. Ao Telló, por apresentar meus dois livros favoritos. À Jana, por me ensinar a escrever sobre nostalgia. Ao Luís, que, mesmo nunca tendo me dado aula presencialmente, fez com que eu descobrisse meu gosto por não ficção.

Por fim, a todos os homens mencionados nessas páginas. Vou sempre amar nossas memórias. Mesmo aquelas que foram um saco de ter vivido.

“Não tenho dúvida de que nesta carta em que devo escrever sobre sua vida e a minha, sobre o passado e o futuro, sobre coisas doces transformadas em amargores e sobre coisas amargas que podem ser tornadas em alegria, muito haverá para ferir sua vaidade até a alma. Se assim for, leia a carta de novo e depois a releia outra vez, até que ela ponha fim a sua vaidade.” (Oscar Wilde)

“Querido leitor, o maior dos luxos são os seus segredos.” (Taylor Swift)

## RESUMO

Este trabalho examina a questão da exposição da vida pessoal do autor e daqueles com quem se relaciona, no domínio da literatura não ficcional. A Parte Teórica deste trabalho busca entender as consequências pessoais e sociais dessa forma de escrita e contextualizar tais narrativas na formação da comunicação humana, focalizando nas motivações internas e externas para autores revelarem detalhes particulares em suas obras. A análise é feita com o foco em duas autoras de não ficção, Mary Karr (2015) e Anne Lamott (1995), em um estudo de suas obras teóricas sobre escrita, além de pesquisas a respeito de obras não ficcionais de cunho autobiográfico, de autores como Karl Ove Knausgard (2005), com seu livro “A Morte do Pai”, Oscar Wilde (1905), com sua carta “De Profundis”, entre outros. Centrando-se em três aspectos principais, a parte teórica explora: a motivação dos escritores para revelar detalhes íntimos em suas obras, o interesse dos leitores por essas narrativas e o potencial de ofensa ou desconforto para as pessoas do convívio do autor retratadas nesses textos. A Parte Criativa deste trabalho é uma compilação de ensaios pessoais focados em relacionamentos românticos, servindo como estudo de caso para a análise teórica. O primeiro ensaio é sobre um primeiro namorado, o segundo é sobre um primeiro amor, o terceiro, sobre uma traição, o quarto, sobre um amor que permanece e o quinto e último é sobre a vida de solteira da autora. Este estudo representa uma reflexão sobre a natureza vulnerável da escrita e a complexidade da relação entre a arte literária e a vida privada.

**Palavras-chave:** Escrita Criativa, não ficção, ensaio pessoal, texto autobiográfico, vida pessoal x arte literária.

## ABSTRACT

This paper examines, in the domain of non-fiction literature, the issue of exposing the personal life of the author and those they are connected to. Focusing on the internal and external motivations for authors to reveal personal details in their works, this study seeks to understand the personal and social consequences of this form of writing and contextualize such narratives in the formation of human communication. The analysis is centered on two non-fiction authors, Mary Karr (2015) and Anne Lamott (1995), in a study of their theoretical works on writing, along with research on autobiographical non-fiction works by authors such as Karl Ove Knausgard (2005) with his book "My Struggle: Book 1," Oscar Wilde (1905) with his letter "De Profundis," among others. Focusing on three main aspects, the theoretical part explores: the motivation of writers to reveal intimate details in their works, the readers' interest in these narratives, and the potential offense or discomfort for the people portrayed in these texts who are in the author's personal life. Expanding on this theme, the creative part of this work consists of a compilation of personal essays focused on romantic relationships, serving as a case study for the theoretical analysis. The first essay is about a first boyfriend, the second is about a first love, the third is about betrayal, the fourth is about enduring love, and the fifth and final essay is about the author's single life. This study represents a reflection on the vulnerable nature of writing and the complexity of the relationship between literary art and private life.

**Keywords:** Creative Writing. Non-fiction. Personal essay. Autobiographical text. Personal life vs. literary art.

## SUMÁRIO

<b>1 PARA QUEM DOU A CULPA? .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OS CULPADOS.....</b>	<b>12</b>
<b>OS FOFOQUEIROS.....</b>	<b>17</b>
<b>OS DOCUMENTADOS, RETRATADOS, ENVOLVIDOS, INVADIDOS, INDIGNADOS .....</b>	<b>19</b>
<b>DEEM A CULPA PARA MIM .....</b>	<b>22</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>4 AMOR, NÃO LEIA.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## 1 PARA QUEM DOU A CULPA?

O trabalho de um escritor é vulnerável. Querendo ou não, a essência de quem escreve permanece em seu trabalho como uma digital. Presa às linhas, há a descrição de quem meneia a caneta, tecla as letras. É uma das belezas da escrita, a capacidade de revelar o autor.

É incentivado, aliás, abrir-se em suas obras. Quanto mais genuíno se é, mais cativante para o público. A escrita é uma arte que exige a verdade, que presente a mentira, independentemente de ser ficção ou não ficção. Verdade não necessariamente precisa ser no sentido de fatos, apesar de que a literatura não ficcional exija veracidade. Mas no sentido em que o autor se permite abrir de forma sincera com o leitor (e consigo mesmo) através de sua escrita.

"Escreva sobre o que você conhece" chega a ser um clichê entre as dicas dadas a escritores amadores. Porém, o quanto o autor pode expor de sua vida no papel ainda não foi delimitado e não vem incluso nas instruções básicas de como adentrar o mundo literário. No conto *A gente combinamos de não morrer* de Conceição Evaristo (2014, p. 99), há a seguinte frase: "A escrita é uma maneira de sangrar." Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito..." É esperado que o autor se comprometa à sua obra e sangre por ela. É encorajado a vulnerabilidade para a escrita prosperar. Mas ao permitir que as portas de sua privacidade se abram, agora comentando apenas da não ficção, é provável que o escritor acabe abrindo não só as próprias portas, mas a dos outros em volta. Não há como contar da própria vida sem mencionar os coadjuvantes. Ao se expor, ao buscar honestidade, se descobre que há quem prefira que histórias permaneçam ocultas. "Direi apenas que tudo que um escritor pode usar em seu trabalho é o material que reuniu graças ao seu empenho e às suas observações, e que não se pode negar seu direito de usá-lo. É possível condenar esse uso, mas não impedi-lo", escreveu Capote (2006, p.10) no prefácio de *Música para camaleões*. Porém, não é como se a condenação não afete o autor. Ele também possui uma vida fora do trabalho. A arte da escrita, segundo Joyce Carol Oates (2003, p. 8), é a mais solitária. Entretanto, o ser humano é sociável. Que posição hierárquica a paixão pela escrita deve ocupar em relação à vida real? Quais as consequências, para o escritor, de torná-la prioridade acima das próprias relações sociais e familiares?

Desde que o ser humano se expressa de forma artística, o questionamento sobre o quanto se pode escrever sobre si e, como consequência, sobre as pessoas à sua volta, paira no ar. Contanto que não vá contra a legislação, a pergunta tende a ser pessoal para cada artista

respondê-la de acordo com sua própria moral e situações pessoais. Há certos autores que estão dispostos a sofrer qualquer retaliação ao publicar seu trabalho, enquanto outros guardam suas histórias e recordações, recusando mostrá-las ao mundo.

Ao escrever sobre alguém, consequências são inevitáveis. Egos muitas vezes são feridos se não considerados com meticuloso cuidado. Vemos isso em casos de grandes autores de não ficção, como Truman Capote. Ele passou os últimos anos de vida em ostracismo social, após publicar três capítulos do livro *Súplicas Atendidas*(2009), em que ele expunha os segredos de seus amigos da alta sociedade. De forma similar, ocorreu com príncipe Harry(2023), em seu polêmico livro, *Spare*, em que ele expôs a família real britânica, causando um distanciamento ainda maior entre ele e seus parentes.

No entanto, não é apenas com autores estrangeiros que este conflito ocorre. Entre colegas da minha turma do Curso de Escrita Criativa, há textos que circulam em aula que jamais serão publicados por serem pessoais em excesso. Em conversas com amigos e professores, descobri um pensamento em comum. Pode ser considerado até um pouco mórbido, mas é universal. "Só posso sequer pensar em publicar quando tal pessoa morrer."

Na maior parte dos casos, o texto jamais é publicado. É deixado para empoeirar em uma gaveta ou se perder entre uma das quinhentas pastas do computador.

Decidir escrever sobre alguém próximo e publicar a obra apresenta um dilema. Porém, há centenas de autobiografias, ensaios pessoais, crônicas e livros de memórias espalhados pelo mundo. O receio de ser rejeitado ou magoar familiares e amigos é, muitas vezes, superado pela ânsia de ser amado por um público maior.

A parte teórica deste Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo examinar a questão da exposição da vida pessoal do autor e daqueles com quem se relaciona, no domínio da literatura não ficcional. Focalizando nas motivações internas e externas para autores revelarem detalhes particulares em suas obras, este estudo busca entender as consequências pessoais e sociais dessa forma de escrita e contextualizar tais narrativas na formação da comunicação humana.

Neste ensaio, explorarei a razão para certos escritores escreverem obras comprometedoras que expõem suas vidas pessoais e as de pessoas à sua volta, independente das consequências da publicação. Também investigarei porque há leitores que consomem e são atraídos por esse tipo de literatura. De onde vem a necessidade do ser humano de consumir conteúdo que fale a respeito do "outro"? Por fim, o ensaio abordará a perspectiva dos retratados. Como a posição de "personagens" os afeta e a situação sensível e vulnerável em que o autor os coloca.

Na parte criativa do Trabalho de Conclusão de Curso, compilei cinco ensaios pessoais com a temática relacionamentos. Os quatro primeiros retratam vivências de uma relação específica: o ensaio número um é sobre meu primeiro namorado; o número dois, sobre meu primeiro amor; o número três, sobre a experiência de ser traída e o número quatro é sobre o relacionamento que considero mais saudável. Enquanto o quinto ensaio, por fim, é uma recapitulação dessas experiências, como elas afetam minha situação atual, além de ser uma ode a vida de solteira, que também precisa de sua atenção. O objetivo dessa obra criativa é me aprofundar na narrativa não ficcional que trata de memórias pessoais e servir como estudo de caso para a minha parte teórica.

Trataremos agora dos culpados disso tudo.

## 2 OS CULPADOS

Grandes exemplos da literatura foram vítimas da decisão de publicar textos a respeito de conhecidos. De Capote (2009), sendo ostracizado socialmente ao compartilhar os primeiros capítulos de sua infame obra *Súplicas atendidas*— onde ele expôs histórias pessoais das amigas e de outros do círculo social do qual fazia parte — até Karl Ove Knausgard (2009), que teve que lidar com problemas judiciais vindos da família paterna ao escrever *A Morte do Pai*, onde relatou detalhadamente as questões de seu progenitor com o álcool e como elas o levaram a uma morte degradante (o que ofendeu o resto de seus parentes).

Não são só eles que tiveram que lidar com as consequências de suas obras. Doris Brett (2001) brigou com a família ao escrever o livro de memórias *Eating the Underworld*, com o intuito de ir contra as representações autobiográficas de sua irmã, Lily Brett, sobre a infância delas em novelas e ensaios. Em *Spare*, Henry Charles Albert David(2023) impediu qualquer chance de reconciliação com a família real ao expor com grande vulnerabilidade sua vida como realeza.

Também não é necessário ir tão longe para encontrar exemplos de escritores receosos de contar a própria história. O medo não está apenas em autores reconhecidos, mas em qualquer um que resolve escrever e recebe o conselho "escreva sobre o que você conhece".

Mais de uma vez senti a necessidade de desabafar de forma literária, registrei meus sentimentos no papel e gostei do resultado. Mas aceitei que ele não veria a luz do dia. Só de pensar em meus antigos relacionamentos lendo os ensaios pessoais de minha parte criativa, dá um embrulho no estômago. Colegas constantemente reclamam de não poder utilizar os textos compartilhados em aula por serem muito pessoais e poderem colocá-los em problemas com amigos e familiares.

O humano é um animal sociável. Ou seja, é essencial para a sobrevivência ser aceito por sua tribo. Caso contrário, a morte é certa. Nosso instinto acredita que não somos capazes de nos mantermos vivos sozinhos. De forma grosseira, é por isso que somos gentis, que buscamos amor e companheirismo. Também é por isso que consideramos irracional escrever algo ruim sobre um integrante de nosso grupo social e mostrarmos para o maior número de pessoas possíveis. A chance de sermos ostracizados por nosso uso de palavras, ficarmos sozinhos e morrermos expostos ao relento, é grande. Então, por que certos autores tomam a decisão ilógica de correr o risco?

Anne Lamott (1995), escritora norte-americana de não ficção, acredita que é porque a escrita existe por uma necessidade de contar a verdade. Faz parte de nossa natureza. Lamott

(1995, p. 156) acredita que a verdade não reconhecida consome sua energia e mantém você tenso e delirante. Mas quando abre a porta do armário e deixa sair o que estava dentro, pode ter uma sensação de libertação e até de alegria. A verdade, para Lamott, é o elemento que mais se deve levar em conta ao trabalhar no ramo literário e o escritor tem direito a ela (1995, p. 23). Além disso (1995, p. 22), a boa escrita está vinculada à busca pela verdade. Somos uma espécie que precisa e quer entender quem somos. Ovelhas e piolhos não possuem essa mesma ânsia e é por isso que eles não escrevem tanto. Mas nós escrevemos. Temos muito o que dizer e descobrir.

Inclusive, Nancy Huston (2012), autora canadense de *A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*, argumenta em seu livro sobre como somos seres que vivemos através da narrativa e ficção que criamos. Não existimos se não contarmos histórias. Segundo Huston (2012, p. 10):

A narratividade se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência. Ela está inscrita nas próprias circunvoluções do nosso cérebro. Mais fraco do que os outros grandes primatas, ao longo de milhões de anos de evolução, o Homo sapiens entendeu o interesse vital que teria em dotar, através das suas fabulações, o real de Sentido.

O ser humano necessita buscar a verdade — o que Huston (2012) chama de Sentido<sup>1</sup> — através da narratividade. O autor de não ficção autobiográfica amplia essa compulsão e registra a história no papel.

Anne Lamott (1995, p. 156) incentiva seus alunos, durante o processo criativo, a se dissociarem de conexões com amigos e família. A escreverem como se aqueles estivessem mortos e se livrarem da culpa enquanto escrevem. A preocupação de ser acusado de difamação deve ser considerada apenas depois de já ter registrado tudo em seu primeiro manuscrito. As alterações necessárias para evitar processos ou brigas devem ser feitas posteriormente.

A autora não leva a opinião alheia em grande consideração. A arte literária está acima da necessidade de ser aceito pelos outros. Ela aconselha (LAMOTT, 1995, p. 174): "Arrisque ser desagradável. Diga a verdade como você a entende. Se você é um escritor, tem a obrigação moral de fazer isso. E é um ato revolucionário - a verdade é sempre subversiva."<sup>2</sup> Isso, para alguns, como ela, pode ser fácil, enquanto para outros, inconcebível.

---

<sup>1</sup> “A narrativa confere à nossa vida uma dimensão de sentido que os outros animais ignoram. Por isso, passarei a utilizar, tratando-se desse sentido, uma letra maiúscula. O Sentido humano se distingue do sentido animal pelo fato de que ele se constrói a partir de narrativas, de histórias, de ficções.” (HUSTON, 2012, p.9).

<sup>2</sup> Tradução minha. No original: “Risk being unliked. Tell the truth as you understand it. If you’re a writer, you have a moral obligation to do this. And it is a revolutionary act—truth is always subversive.”

Para a parte criativa desse Trabalho de Conclusão de Curso, a ideia de escrever sobre meus antigos relacionamentos veio por uma necessidade de desabafo. Sou uma pessoa tagarela e que se abre demais. Durante minhas relações ou após os términos, utilizei muito de rodas de conversas entre amigos próximos para buscar opiniões sobre minha vida. Houve momentos em que eu encarei meu passado e não compreendi as decisões que tomei, muito menos acreditei que alguém compreenderia.

Possuo um desejo por validação. Por uma confirmação de que não sou louca e minhas escolhas, justificáveis. Porém, caso não fossem, pelo menos serviriam como entretenimento. Rir da própria desgraça é, em minha opinião, muito melhor quando se está acompanhado.

Já escrevi como forma de me reconciliar com as situações em que eu me colocava ou com os sentimentos que estava lidando. Mas jamais botava no papel os mesmos relatos que eu oferecia em discussões e conversas orais. Com o interesse em me aprofundar nas experiências de autores que, não só escreveram sobre suas vidas pessoais, mas também lidaram com as consequências ao publicarem, decidi também fazer parte deste processo. Sentir na pele o que passaram. Contrariar todos os meus desejos de ser amada e dar razão para não me acharem tão agradável.

O processo de escrita dos ensaios pessoais foi fantasmagórico. Voltei ao passado e trouxe todos os meus ex para o presente. No sentido literal. Um voltou, de repente, a me seguir no Instagram. Outro me mandou mensagem para dizer que estava com saudade. Uma ex-sogra curtiu uma postagem. Passei a delirar, me escondendo atrás de amigos em festas porque jurava que um certo cabelo longo e loiro era familiar. Eu os invoquei e eles passaram a me assombrar.

Outra sensação que não previa ao voltar ao passado foi a raiva. Um elemento constante durante a busca pela verdade, segundo Lamott. Ela diz (LAMOTT, 1994, p. 156): "Mas você não pode chegar a nenhuma dessas verdades sentando em um campo e sorrindo beatificamente, evitando sua raiva, danos e tristeza. Sua raiva, danos e tristeza são o caminho para a verdade."<sup>3</sup>

A raiva que senti, neste caso, era deles e de mim. Acontecimentos que eu já havia processado e superado voltaram à tona e era como se eu tivesse 17 anos de novo, apertando e arremessando meu travesseiro por faltar o instinto homicida que me encorajaria a ir atrás de quem me passou a perna.

Talvez a covardia seja um motivo para escrever sobre o passado que não gostamos. Uma vingança que não nos obriga a sujar as mãos de sangue. Mary Karr (2015, p. 35), memorialista, poeta texana e autora do livro *The Art of Memoir*, discorda:

---

<sup>3</sup> Tradução minha. No original: "But you can't get to any of these truths by sitting in a field smiling beatifically, avoiding your anger and damage and grief. Your anger and damage and grief are the way to the truth."

(...)Se você quer vingança, contrate um advogado. Ou encontre uma maneira de se divertir com isso. Tenho um amigo que recebeu uma crítica desagradável, depois recebeu pelo correio um livro escrito por esse mesmo crítico para que ele fizesse uma possível resenha. A resposta do meu amigo? "Levei-o para a varanda dos fundos e dei um tiro na capa." Ele atirou no livro e o enviou de volta para a editora. Compre dardos e um alvo. Literatura é para outra coisa: o leitor.<sup>4</sup>

Karr (2015, p. 96) escreve sobre suas memórias motivada por sentimentos de amor por quem retrata. Para ela, quem possui uma raiva moralista ou se perde nas próprias emoções ao lembrar do passado, não está pronto para escrever sobre ele. Já Anne Lamott (1995, p. 175) possui uma opinião diferente a respeito de escrever por vingança:

Ethan Canin insiste que você nunca deve escrever por vingança, enquanto eu digo aos meus alunos que eles sempre devem escrever por vingança, desde que o façam de forma gentil. Se alguém os prejudicou, se alguém os tratou de forma muito áspera, eu os incentivo a escrever sobre isso. Dois dos meus alunos, em diferentes sessões, decidiram escrever sobre os galhos que seus pais selecionavam das árvores do quintal e com os quais costumavam apanhar. Use essas memórias, eu disse a eles. Elas são suas. Isso não deveria ter acontecido com você. Pessoalmente, eu escreveria sobre isso em parte por um desejo de dar sentido a tudo e em parte por vingança.<sup>5</sup>

A vingança, para Anne Lamott, é parte do processo de conhecer a si mesmo, na raiva, nos danos e nas tristezas. A busca pela verdade, ou Sentido, está acima de questões éticas a respeito de que estado emocional você deve estar ao escrever. Se é algo que ocorreu com o escritor, ele tem o direito de usá-lo, segundo ela (1995, p.175).

É o caso de Oscar Wilde (2014) em *De Profundis*, carta escrita para Lord Alfred Douglas (ou Bosie), seu ex-amante e filho do homem que o denunciou por indecência grosseira (homossexualidade), colocando o autor na cadeia onde escreveu a obra.

Na terceira regra de Mary Karr (2015, p. 100) para escrever um livro de memórias, ela cita uma conversa entre dois outros memorialistas: "Como Hubert Selby disse a Jerry Stahl, 'Se você está escrevendo sobre alguém que odeia, faça com muito amor.'"<sup>6</sup> Wilde não estava vivo

---

<sup>4</sup> Tradução minha. No original: "If you want revenge, hire a lawyer. Or find a way to have fun with it. I have a friend who got a nasty review, then received the reviewer's book in the mail for a possible review from him. His reply? 'I took it on the back porch and put a bullet through its head.' He shot the book and mailed it back to the publisher. Buy darts and a dartboard. Literature's for something else: the reader".

<sup>5</sup> Tradução minha. No original: "Ethan Canin insists that you should never write out of vengeance, while I tell my students that they should always write out of vengeance, as long as they do so nicely. If someone has crossed them, if someone has treated them too roughly, I urge them to write about it. Two of my students, in different sessions, decided to write about the switches that their parents selected from backyard trees and with which their parents used to beat them. Use these memories, I told them. They are yours. This should not have happened to you. Personally, I would write about this partly out of a longing to make sense of it all and partly out of vengeance".

<sup>6</sup> Tradução minha. No original: "As Hubert Selby told Jerry Stahl, 'If you're writing about somebody you hate, do it with great love'".

em 2015 para ler este conselho, porém não precisava. Sua obra é considerada a melhor carta de amor já escrita e, ao mesmo tempo, possui trechos cruéis como este a seguir em que Wilde (2014, p. 168) escreve:

Porém, mais do que tudo, eu me culpo por toda a degradação ética em que lhe permiti me lançar. A base do caráter é a força de vontade, e minha força de vontade ficou absolutamente sujeitada a sua. Parece uma coisa grotesca de se dizer, mas nem por isso é menos verdadeira. Essas cenas constantes que lhe pareciam ser quase que fisicamente necessárias, nas quais sua mente e seu corpo ficavam cada vez mais distorcidos e você se tornava uma coisa tão terrível de olhar quanto de escutar (...) — isso tudo, repito, foi a origem e a causa de minha sujeição fatal a você em suas exigências dia a dia maiores. Você esgotou minha paciência. Foi o triunfo da natureza menor sobre a maior. Um desses casos da tirania do fraco sobre o forte que em algum lugar numa de minhas peças descrevo como sendo “a única tirania que perdura”.

Chamá-la de uma obra vingativa reduz o livro a apenas um elemento, ignorando a complexidade de emoções elaboradas no texto, que vão muito além do que só "rancor". Mesmo assim, Wilde ataca de novo e de novo Bosie através de sua escrita, afirmando se culpar por ter se deixado relacionar com uma pessoa como ele. Um ódio, sem dúvida, escrito com muito amor em suas linhas.

Após a raiva passar, veio a revelação de que eu não era tão boa com relacionamentos e, após esse ataque contra mim mesma e crise de autopunição, logo vieram os aprendizados. Felizmente, escrever sobre experiências desconfortáveis de colocar no papel, como traições ou puros momentos de estupidez de minha parte, fizeram com que eu ganhasse conhecimento a mais. Para Mary Karr, esse é o cerne de escrever sobre lembranças. Segundo Karr (2015, p.):

De certa forma, escrever um livro de memórias é nocautear a si mesmo com o próprio punho, se for feito corretamente. Claro, há o prazer de fazer um trabalho garantido para envolver você emocionalmente - quem é indiferente à sua própria história? A forma sempre tem uma profunda consequência psicológica em seu autor. Não pode não ter. Que projeto pode igualar isso?

(...)

Não importa o quão autoconsciente você seja, um livro de memórias torce suas entranhas precisamente porque você luta com o seu próprio eu - suas meticulosas análises e organizadas desculpas.<sup>7</sup>

Karl Ove Knausgard (informação verbal, 2016) afirma em uma entrevista para o Louisiana Literature festival ter escrito a série de livros "Minha Luta" por estar com

---

<sup>7</sup> Tradução minha. No original: “In some ways, writing a memoir is knocking yourself out with your own fist, if it’s done right. Sure, there’s the pleasure of doing work guaranteed to engage you emotionally—who’s indifferent to their own history? The form always has profound psychological consequence on its author. It can’t not. What project can match it for that? Plus you get to hang out with folks no longer on this side of the grass. Places and times you may have for decades ached after wind up erecting themselves around you as you work. (...) No matter how self-aware you are, memoir wrenches at your insides precisely because it makes you battle with your very self—your neat analyses and tidy excuses.”

dificuldades em reconhecer sua voz literária e que apenas a encontrou ao escrever sobre a própria vida. É escrevendo sobre as verdades que escavamos mais verdades. Não só acerca de fatos concretos do cotidiano, mas de nós mesmos.

Por exemplo, ao escrever sobre acontecimentos reais, encontrei padrões em meus relacionamentos dos quais não tinha consciência até então. Assim como, Knausgard descobriu sobre seu estilo de escrita ao falar de si mesmo.

No próximo tópico, nos aprofundaremos nas verdades pessoais e nas alheias. Como a possível similaridade entre elas pode torná-las universais e atraentes para o público leitor. Por que há pessoas que se interessam em ler sobre as histórias de outros?

## OS FOFOQUEIROS

Quando Anne Lamott (1995, p. 152) enviou sua primeira novela, *Arnold*, para o editor de uma revista para tentar ser publicada, a resposta que recebeu, relatada por ela no livro *Bird by Bird: Some Instructions on Writing and Life*, foi a seguinte: "Você cometeu o erro de pensar que tudo o que aconteceu com você é interessante."<sup>8</sup> O que é um péssimo comentário para receber sobre sua obra, mas também significa que há certas ocorrências na vida que são, de fato, interessantes. Mas o que atrai os leitores a lerem sobre experiências alheias que não tem nada a ver com eles?

Quase meio milhão de pessoas na Noruega leram o primeiro livro da série *Minha Luta, A Morte do Pai* (2009). Ou seja, em um país de cinco milhões, isso equivale aproximadamente a uma em cada dez pessoas que conhecem os detalhes íntimos da vida privada do autor e de seu círculo social. Por que uma obra que é carregada de, não só momentos trágicos (como, obviamente, a morte do pai do autor), mas também de diversas passagens cotidianas e, às vezes, até vergonhosas (como ereções repentinas durante a puberdade e se sentir emasculado puxando um carrinho de bebê) sobre alguém que os leitores não conhecem atrai um público tão grande?

Humanos são seres de histórias. Nossa espécie possui uma fascinação em ouvir e contar narrativas dos mais diversos gêneros e formas. Um "boa tarde" na hora do almoço e um "como foi seu dia?", já leva a pessoa a elaborar um enredo, independente do quão complexo ou sucinto seja. A comunicação está entranhada com a nossa sobrevivência. Além do interesse em estar a par da vida de outro. Segundo Nancy Huston (2012, p. 9): "Assim como a natureza, nós não

---

<sup>8</sup> Tradução minha. No original: "You have made the mistake of thinking that everything that has happened to you is interesting."

suportamos o vazio. Somos incapazes de constatar sem imediatamente buscar ‘entender’. E compreendemos essencialmente por intermédio das narrativas, ou seja, das ficções.”

A fofoca teve um papel fundamental na evolução dos *Homo sapiens*. Entender quem o grupo odeia, quem está se relacionando com quem, quem está traindo, quem trapaceia, é essencial para a cooperação social da espécie (HARARI, 2015, p. 34). É mais relevante termos consciência do que ocorre com os humanos à nossa volta do que quais são os perigos externos. Nossa comunicação se acomodou a este fator e tornou a fofoca quase primordial ao nosso dia a dia.

Somos configurados, por uma questão de sobrevivência, a nos interessar pelas histórias que outros têm para contar. Ter consciência de como um ser humano vive nos oferece uma perspectiva de como se locomover em um mundo em que a socialização e comunicação reinam.

Além disso, Anne Lamott acredita existir outro motivo para os leitores gostarem de obras sobre vidas alheias. A autora volta ao tópico da verdade e como ela é razão para escritores escreverem, mas, também, para leitores lerem. Segundo Lamott (1995, p. 173):

Tornar-se um escritor é sobre se tornar consciente. Quando você está consciente e escrevendo a partir de um lugar de perspicácia, simplicidade e genuíno cuidado pela verdade, você tem a habilidade de acender as luzes para o seu leitor. Ele ou ela reconhecerá sua própria vida e verdade no que você diz, nas imagens que você pintou, e isso diminui o terrível sentimento de isolamento que todos nós já experimentamos além da conta.<sup>9</sup>

Ao ler uma obra vinda de um lugar de honestidade, nos identificamos com a situação e não nos sentimos tão sozinhos. Como seres humanos, buscamos conexões e momentos de empatia. Isso nos faz sentir incluídos, vistos. Se você passou por um momento difícil e eu passei por um momento difícil, não somos tão diferentes e é isso que desejamos no mundo: encontrar mentes semelhantes e nos sentir aceitos. Lamott também diz (1995, p. 173):

Se algo dentro de você é real, provavelmente acharemos interessante, e provavelmente será universal. Portanto, você deve arriscar colocar a emoção real no centro do seu trabalho. Escreva diretamente para o centro emocional das coisas. Escreva em direção à vulnerabilidade. Não se preocupe em parecer sentimental. Preocupe-se em estar indisponível; preocupe-se em estar ausente ou fraudulento.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Tradução minha. No original: “Becoming a writer is about becoming conscious. When you’re conscious and writing from a place of insight and simplicity and real caring about the truth, you have the ability to throw the lights on for your reader. He or she will recognize his or her life and truth in what you say, in the pictures you have painted, and this decreases the terrible sense of isolation that we have all had too much of.”

<sup>10</sup> Tradução minha. No original: “If something inside you is real, we will probably find it interesting, and it will probably be universal. So you must risk placing real emotion at the center of your work. Write straight into the emotional center of things. Write toward vulnerability. Don’t worry about appearing sentimental. Worry about being unavailable; worry about being absent or fraudulent.”

O leitor busca honestidade e vulnerabilidade. É nos sentimentos ocultos que é possível se conectar com os sentimentos ocultos do outro. É a partir das verdades universais que nos relacionamos.

Quando colegas me perguntavam sobre o que era meu TCC e eu respondia "A parte teórica é sobre como é uma péssima ideia escrever sobre pessoas que conhecemos e a parte criativa é eu fazendo exatamente isso", a maioria das reações foram, basicamente, "Eu preciso ler". O que, segundo as informações que recolhi, sugere que a premissa de meu trabalho é imensamente vulnerável e eu estou me expondo, talvez até demais. O que pode não ser algo bom, mas Anne Lamott se orgulharia.

Na verdade, não apenas me expondo, como também expondo as pessoas com quem me relacionei. O que, por consequência, me expõe ainda mais. A seguir, focaremos na recepção das pessoas retratadas em certas obras e por que muitas das reações não são positivas.

## **OS DOCUMENTADOS, RETRATADOS, ENVOLVIDOS, INVADIDOS, INDIGNADOS**

Como resposta à "Minha Luta" de Knausgard, sua primeira esposa, Tonje Aursland, gravou um programa de rádio chamado "Tonjes Versjon" (tradução livre para "Versão da Tonje"). Nele, ela relata seu conflito com a obra do ex-marido, afirmando (informação verbal, 2010):

Sou mencionada muitas vezes nesse livro. Mesmo que eu não seja uma personagem presente, eu reapareço, então. Vez após vez após vez. E agora, de repente, há uma visão fria e distante, então, sobre a nossa convivência. O que talvez tenha sido o mais difícil de tudo isso, foi ter que ler muitas coisas que aconteceram enquanto estávamos casados, que eu mesma nem sequer sabia. Que estão impressas no segundo livro. E simplesmente ele se apaixonou então, por esta garota que mais tarde se tornou sua esposa, muito antes de nos separarmos e tal. Eu não sabia nada disso.<sup>11</sup>

Não foi só ela que sofreu por conta da publicação dessa série. Linda Boström, segunda esposa do autor, entrou em depressão maníaca após ler o manuscrito, uma condição que ela não sofria desde os seus 20 anos, duas décadas antes. O tio paterno de Knausgard também tentou impedir a publicação, ameaçou processar e atacou o livro na imprensa norueguesa.

---

<sup>11</sup> Tradução minha. No original: "Jeg er nevnt mange ganger i den boka. Selv om jeg ikke er noen nærværende figur, så går jeg igjen, da. Gang på gang på gang. Og nå plutselig så er det et sånt kjølig, distansert blick da, på vårt samliv. Det jeg synes kanskje var vanskeligst oppi det hele, det var jo å måtte lese en hel del ting som har skjedd mens vi har vært gift, som ikke jeg sjøl visste om en gang. Som kommer på trykk i bok to. Og det er rett og slett at han ble forelska da, i denne jenta som seinere ble hans kone, lenge før vi gikk fra hverandre og sånn. Det visste jeg ingenting om."

Escrever sobre alguém próximo é uma decisão delicada, mas por que a comoção é tão grande? Huston diz (2012, p. 15):

Freud ouvia, perplexo, o romance familiar dos seus pacientes. A sua descoberta é imensa: *apenas aquilo que faz Sentido para o sujeito é determinante, e apenas isso*. Todos nós arquitetamos romances para contar a nossa estadia na terra. Melhor ainda: nós *somos* esses romances! *Eu* é o modo de conceber o conjunto das minhas experiências.

Imagine que a situação seja com você, que viveu sua vida apenas com uma perspectiva: a sua. Seu cotidiano é em primeira pessoa e, para você, essa é a narrativa mais importante. Afinal, é a que você conhece. Porém, um livro, um ensaio, uma crônica, alguma obra literária conta sua história com um ponto de vista diferente. Você já não é mais o protagonista, a sua verdade não é a mesma que está escrita. E vimos que, segundo Lamott, humanos se conectam através de verdades, é isso que os prende durante a leitura. No momento em que a sua verdade não corresponde a do leitor, é aí que você o perde.

Tonje (informação verbal, 2010), inclusive, expressa sua mágoa no programa de rádio especificamente acerca de como a visão de Knausgard era tão adversa a que ela tinha sobre o relacionamento dos dois:

TONJE: Bem, não há dúvida de que houve uma quantidade incrível de conversas sobre meu ex nesta casa. E eu não acho que teria lidado tão bem quanto meu parceiro, para dizer o mínimo. Tudo esteve fora das minhas mãos, quer dizer, a perspectiva sobre mim e nosso relacionamento e minha vida passada, está totalmente fora de controle, então. É como se Karl Ove estivesse escrevendo sua versão, e vai ser considerada a verdadeira, e vai ser a que permanece, certo.<sup>12</sup>

Em uma das regras para lidar com outros ao escrever seu livro de memórias, Mary Karr sugere (2015, p. 100): "Se a opinião de alguém sobre o que aconteceu se opõe totalmente à minha, eu a menciono de passagem sem me sentir obrigada a representá-la."<sup>13</sup> A verdade concreta é difícil de encontrar e as pessoas podem ter relatos diferentes que ocorrem sobre o mesmo acontecimento. Nancy Huston (2012, p.14), aliás, afirma o quão impossível é alcançar a verdade absoluta ao narrar um evento:

<sup>12</sup> Tradução minha. No original: "Traduza para o português: TONJE: Neimen det er klart at det har blitt utrolig mye samtaler om eksen her i huset. Og jeg tror ikke jeg hadde takla det like godt som samboeren min takler det, for å si det sånn. Alt har vært ute av mine hender, altså, blikket på meg og vårt forhold og mitt tidligere liv, det er totalt ute av kontroll, da. Det er liksom Karl Ove som skriver sin versjon, og det er den som kommer til å bli den sanne, og det er den som kommer til å bli stående, sant."

<sup>13</sup> Tradução minha. No original: "If somebody's opinion of what happened wholly opposes mine, I mention it in passing without feeling obliged to represent it."

*Juro dizer toda a verdade?* Podemos dizer coisas verdadeiras, mas não a verdade, e, sobretudo, toda ela, mesmo a respeito do que ocorreu ao longo dos últimos cinco minutos que se passaram, no lugar em que nos encontramos. Não podemos dizê-la, pois ela é infinita. Para preservar o nosso ego, é preciso apagar quase tudo.

Tais discordâncias podem ser simples, como "a cor do sofá era azul, não vermelho", ou podem ser mais problemáticas e deixarem a pessoa envolvida se sentindo traída ou violada.

Cada um de nós tem consciência de pelo menos alguns de nossos próprios defeitos, mas tê-los refletidos pelas palavras de outra pessoa não é agradável. cremos que, se somos aceitos pelo nosso grupo, somos considerados perfeitos por ele. Ter essa crença quebrada machuca, nossa verdade é contestada e nosso modo de ver o mundo, alterado. É uma situação sensível e vulnerável de se estar, assim como a situação do autor. Contudo, ele decidiu por conta própria se envolver com o risco. Os envolvidos em sua narrativa não pediram por isso.

Anne Lamott não se deixa afetar pelo medo de como as pessoas podem reagir ao seu trabalho e incentiva seus alunos a fazerem o mesmo. Para ela, o autor tem direito de escrever sobre tudo o que ocorreu em sua vida, pois ele tem obrigação com a sua verdade. Ser acusado, na lei, de difamação é a única preocupação que Lamott (1995, p. 174) aborda e para isso sua solução é a seguinte:

Difamação é dizer coisas sobre as pessoas de forma consciente e maliciosa que as coloquem em uma luz falsa ou prejudicial por palavra escrita ou impressa. Isso significa que, se você morou com um homem que tinha uma série de curiosos hábitos e circunstâncias pessoais e profissionais que seus amigos e clientes conhecem, e se esses amigos conseguem identificar esse homem em seu trabalho por esses hábitos e circunstâncias, você provavelmente deveria mudar os detalhes dramaticamente. [...] Mude tudo o que apontaria especificamente para ele. Deixe de fora suas tendências cleptomaniacas. [...] Se você disfarçar essa pessoa cuidadosamente para que ela não possa ser reconhecida pelos fatos físicos ou profissionais de sua vida, você pode usá-la em seu trabalho. E o melhor conselho que posso dar é atribuir a ele um pênis muito pequeno, assim ele será menos propenso a se manifestar. Eu sei que isso me faz parecer um pouco irritada.<sup>14</sup>

Resumindo a sugestão de Lamott, siga sua verdade, tomando as precauções para não ser processado. O que, para alguém que deseja escrever sobre pessoas que não afetam diretamente sua vida, é uma boa dica. No caso de Capote, por exemplo, cuidar com os nomes e descrições

---

<sup>14</sup> Tradução minha. No original: "Libel is defamation by written or printed word. It is knowingly, maliciously saying things about people that cast them in a false or damaging light. This means that if you lived with a man who had a number of curious personal and professional habits and circumstances that his friends and clients happen to know about, and if these friends can identify this man in your work by these habits and circumstances, you should probably change the details dramatically. (...) Change everything that would point to him specifically. Leave out his kleptomaniac leanings. (...) If you disguise this person carefully so that he cannot be recognized by the physical or professional facts of his life, you can use him in your work. And the best advice I can give you is to give him a teenie little penis so he will be less likely to come forth. I know this makes me sound a little angry."

não foi o suficiente. Em "Súplicas Atendidas"(1975), no momento em que as pessoas envolvidas se identificaram no texto e perceberam que foram expostas sem permissão explícita, pode ter sido o fim da carreira do autor. Ele estava dependente das conexões que desmanchou ao publicar seus capítulos. Mas na parte criativa do meu Trabalho de Conclusão de Curso apenas escrevi sobre assuntos do meu passado, ou seja, é vantajoso para mim seguir esse plano (apesar de decidir não comentar quanto ao tamanho da masculinidade de nenhum dos homens mencionados nos ensaios).

## **5 DEEM A CULPA PARA MIM**

Vivemos em constante coabitação. As verdades que todos sentimos são aquelas que nos unem.

Os autores, ao descobrirem sobre si mesmos através da escrita, permitem que seus leitores entrem nessa jornada de autodescoberta junto com eles. Ter esse momento de empatia e conexão com alguém, através da escrita e leitura, e se identificar com os mais diversos e obscuros sentimentos é o atrativo em obras de memória.

No entanto, exatamente por essas verdades alcançarem as emoções de quem lê, por existirem também no âmbito dos sentimentos, o escritor não pode se dizer isento da culpa ao publicar sua obra. Ele não pode se esconder através das suas verdades, pois elas são irrevogavelmente "dele". E existe a chance de elas magoarem outros, de forma culposa ou dolosa. Independentemente de ser obrigação do autor contá-las. Ainda é uma decisão consciente dele publicá-las e este deve ser responsabilizado por elas.

Quanto um autor se abre em seu texto depende do quão vulnerável ele deseja estar. Não apenas em relação aos seus leitores, mas também às reações de pessoas próximas que podem estar envolvidas em suas obras. Verdades que se divergem, afastam, e, enquanto alguns estão dispostos a correr o risco de causar discórdia com seus conhecidos, outros são mais cuidadosos para que apenas as verdades que não machuquem estejam presentes em sua escrita.

Tentei ser cuidadosa, mas não foi uma tarefa fácil, considerando a proposta que arranjei para mim mesma. Conforme fui estudando casos de autores que sofreram represália por suas obras não-ficcionais, cada vez mais percebi que era uma péssima ideia o que fazia.

Mas descobri muito e aprendi muito, sobre mim, sobre as pessoas com quem me relaciono e como gosto de retratar meu mundinho, repleto de justificativas e análises organizadas. Tentei enfiar o dedo na ferida o máximo possível e ir atrás da verdade, que é tão importante para um escritor, segundo Anne Lamott.

Estou apavorada com a ideia de alguém ler os seguintes ensaios, mas torcendo para que gostem. Arrisco ser vista com maus olhos ao falar de tanta gente, mas ainda assim busco a divina aprovação de meu leitor.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão deste trabalho, me pergunto se não foi cedo demais que relatei esses acontecimentos. Não esperei a raiva dissipar, não quis ser neutra e arrisquei ser injusta.

Há uma necessidade em mim de explicar cada evento e relacionamento, buscar um sentido para tudo ter ocorrido, mas as pessoas envolvidas também devem ter a mesma ânsia. Imagino que elas tenham ensaios pessoais dentro de si diferentes dos meus. Textos em que sou vilã, monstra, princesa, sapo ou aquela figurante que não precisa de um nome. As minhas verdades não são as absolutas e um estilo literário é uma forma de ocultar certas perspectivas.

Mas esses foram os ensaios que saíram da minha escrita. Quem ler, lerá as minhas verdades. Aquelas que, para mim, são as mais importantes e as mais certas. Como escritora, espero que elas ressoem, mas são propícias a magoar quem não concorda com elas.

Considerando isso, o nome da minha Parte Criativa, *Amor, não leia*, referencia o pânico só de imaginar algum dos retratados do meu trabalho o lendo. Honestidade não equivale ao ético, mas se estou buscando sinceridade acima do correto, busquei tratar da verdade até em meu receio de compartilhá-la e meu anseio de leitores a apreciarem. Amores não deveriam ler, de preferência, mas deixo o resto ficar à vontade em sua leitura.

## 4 AMOR, NÃO LEIA

### Juventude

Meu primeiro namorado não foi meu primeiro amor. Nem meu segundo, nem terceiro. Nem quarto, nem quinto. Não foi amor nenhum.

Leandro foi uma estupidez de minha parte. Um marco a ser concluído. Minha necessidade como uma adolescente de viver um romance. Por piedade aos outros Leandros do mundo, digo: não namore por capricho.

Eu tinha quatorze anos e só tinha beijado um garoto até aquele momento. Selinhos não contavam mais. Era algo infantil que só se fazia em rodas de verdade ou desafio.

Faltava maturidade em mim comparado a minhas outras colegas. As meninas da minha idade já estavam marcando beijos com os meninos em festas. Vestiam-se com roupas mais justas, mais bonitas. Usavam maquiagem. Uma fulana da minha série acordava quatro horas antes da aula para se arrumar. Quatro horas. Nossa aula começava às sete. Três da manhã ela já planejava como ser linda. Nunca falei com essa garota na minha vida, mas era uma fofoca tão relevante para a nossa adolescência que chegou até mim essa informação.

Para aumentar a inveja que eu tinha, minhas amigas começaram a andar pelos corredores de mãos dadas com seus namorados, sorrindo ao falar deles, nervosas para beijarem com mais frequência. Eu tentava me contagiar pela alegria alheia. Aproveitar e me derreter com suas histórias e acreditar que bastava. Já era uma fanática por água com açúcar. Já lia e assistia o amor, já imaginava ele em todo o canto. Mas não era o suficiente. Queria ter essa experiência e ser arrebatada de uma vez.

Daí que Leandro apareceu. Dois anos mais velho. Quando o conheci, não pensei nele mais do que uma amizade, não parei para cogitar se ele era bonito ou não. Apenas ao perceber que algo ocorreria entre nós que inventei que o achava atraente. Alto, magricelo e com a barba rala, desigual. Ele não raspava os pelos e eles não cresciam direito. As bochechas gordinhas pinicavam quando eu as beijava.

Uma amiga, Bia, que nos apresentou. Não éramos próximos, mas nos víamos quase toda a semana. Conversávamos dentro do grupo e trocávamos poucas ideias sozinhos, apesar dos papos serem agradáveis. Leandro era um amigo que aumentava meu círculo social. Sempre gostei de estar rodeada de gente.

Um ano depois de nos conhecermos ele convidou eu e Bia para a casa dele. Vimos uma série, cada um em seu canto do sofá, e fomos embora. Ele nos convidou de novo, uma semana depois. Mas no caminho até lá, Bia mandou uma mensagem cancelando sua presença.

Deu vontade de cancelar também. Mas passei a ter segundas intenções ao perceber que Leandro era a minha passagem apenas de ida para deixar de ser inexperiente. Uma possibilidade, pelo menos. Eu poderia tentar.

"Confirmado para hoje?", mandei por mensagem.

Era bom garantir que eu seria convidada a entrar se eu aparecesse na porta. Ele respondeu logo depois.

"Você viu que a Bia não vem?"

"Sim, tô ligada."

"Ok."

Escolhemos outra série para assistir por piedade a nossa amiga, que tinha que terminar com a gente a que víamos antes. Leandro colocou um cobertor sobre nós. Nossos braços estavam grudados um no outro até ele envolver meu ombro. Quase gritei. Estava perto de um garoto e não havia desculpas que justificassem aquela proximidade. Meu ego inflou com a noção dele gostar de mim. Fiquei imóvel abraçada nele, tentando não sabotar a posição em que nós estávamos.

Leandro olhou para mim. Eu olhei de volta. Ficamos assim por um eterno segundo e não aconteceu nada, os dois nervosos demais para agir.

Eu tinha um jogo de vôlei no dia seguinte que ele prometeu que ia. Era às oito da manhã. Durante nosso relacionamento, Leandro me caçoou por eu não ter beijado ele mais cedo, porque só um apaixonado acordaria às seis para ver algumas do fundamental perdendo uma partida de vôlei.

Não só fomos derrotadas, como perdemos todos os sets. Mas ele torceu por nós o tempo todo, elogiando meu time para eu me sentir melhor. Era raro os jogos que ganhávamos, eu já estava satisfeita por ter um garoto na arquibancada para me gabar para minhas amigas. Ele torcia pelo nosso time, elas torciam por nós dois.

Após o jogo, fomos para minha casa. Ficamos no terraço do prédio, no parquinho das crianças. Nos enfiamos debaixo do brinquedão, nos beijamos debaixo da construção de plástico colorido. Muita língua e saliva, a barba rala irritava minha pele, mas eu ainda não sabia o que era um beijo bom. Ele colocou a mão na minha bunda e a levei de volta à minha cintura. Ele riu, eu ri. Ele tentou mais uma vez e eu subi a mão dele de novo, os dois insistentes. No meio

do beijo ele me pediu em namoro. Aceitei. Estava tão animada que não percebi que foi tudo rápido demais. Nem que eu nunca gostei de Leandro.

Era tão grande minha falta de atração por ele que chegava a ser física a dor. Sentia ela na barriga toda vez que iria vê-lo. Uma contorcida no estômago, o inverso de borboletas. Não que os encontros fossem ruins, gostava de sua companhia, mas beijá-lo era difícil e demorado. Odiava a careta que ele fazia quando se aproximava. A boca aberta, os olhos semicerrados. Cara de burro com sede. Beijar ele era uma tarefa que eu temia toda vez que nos encarávamos por tempo demais.

Fui uma ótima atriz, minhas amigas achavam que eu andava nas nuvens. Sorria ao vê-lo, o abraçava. Eu exibia ele direto. Enroscava-me em seu braço em público, cochichava em seu ouvido, mexia em seus cabelos.

Magoaria ele se soubesse o quão falsa eu fui. A culpa se alimentava de mim naqueles meses. Eu queria muito gostar de Leandro, não havia razões para o contrário. Não havia defeitos. Talvez se eu gostasse mais dele veria suas falhas, mas tanto quanto o amor, a indiferença é cega.

Leandro era inteligente, vinha de escola técnica, conversava sobre tudo. Era honesto, me elogiava, mostrava afeição. Trocávamos mensagens direto, carregadas de emojis e apelidos. Pitanguinha, ele me chamava. Colocava os braços em meu ombro em qualquer oportunidade que tinha. Era bom demais estar conversando com alguém e sentar ao lado dele só para ser abraçada. Sinal de que eu não estava sozinha. Vivíamos deixando os outros de vela. Em um jantar de amigos, Bia jogou um chinelo em nós por estarmos nos beijando na mesa.

Pensava o pior dele enquanto sorria. Poderia ter terminado, mas não o fiz. Eu era cruel, mas apenas no cérebro. Minhas reclamações eram silenciosas. Minhas maldades eram meus segredos. Por fora, eu era fofa. Doce e baixinha. As pessoas apertavam minhas bochechas e as beliscavam, davam tapinhas na minha cabeça. Riam quando eu dizia algo absurdo ou malicioso, porque destoava demais.

Ser fofa era péssimo, mas eu não contrariava. Era mais fácil aceitar o espaço social que me deram do que construir um novo. Então minha mente se envenenava, meu nojo pelo meu namorado crescia e eu continuava sorrindo e o beijando.

Voltei para casa chorando uma vez. Ele me deixou no metrô e minha mãe me buscou na estação. As lágrimas escorreram ao fechar a porta do carro. Ele havia dito que me amava. Eu disse que correspondia. Meu primeiro namorado, meu primeiro "eu te amo", os dois foram falsos. Meu desejo de um romance clichê, do água com açúcar, da magia, foi corrompido.

Estraguei porque não queria confrontar Leandro e continuei a não o confrontar, por mais que eu chorasse, por mais que a dor de barriga aumentasse, por mais que a culpa continuasse lá.

Acabei nunca terminando com ele. Fui covarde até o fim. Minha mãe precisava se mudar para Santo Ângelo para cuidar de meus avós. Eu fui com ela. Lembro que até me forcei a chorar quando contei para Leandro. “Eu vou estar do seu lado até lá”, ele disse, definindo que não teríamos um relacionamento à distância. Fingi tristeza. Ele e mais duas amigas vieram se despedir de mim no aeroporto. Nosso namoro terminou ali. A foto de perfil dele no whatsapp deixou de ser de nós dois assim que pousei em Porto Alegre. Troquei a minha logo depois, além do nome dele em meus contatos, que tinha um emoji de coração. Deixei minhas mentiras em São Paulo para criar novas em outro lugar.

## Prorrogação e pênaltis

Sou uma pessoa competitiva. Não em tudo. Mas no amor, com certeza. Competitiva no que eu sei que eu deveria ganhar. Não gosto de joguinhos, mas ainda venço nos meus relacionamentos com a mesma garra da pessoa que sobra na queimada. Se não venço, sou mesquinha, teimosa. Se não conquisto, finco o pé. Se não tenho o que eu quero, fico burra e me apaixono.

Lucas foi meu primeiro amor e o amei com tudo o que tinha. Corrida de 100 metros, gastei todos meus sentimentos rápidos. Uma merda isso, porque tê-lo para mim foi uma bela conquista.

Cheguei em Santo Ângelo e em meu primeiro dia de aula já o considerei o mais bonito. Captei sua presença com uma visão infravermelha e busquei seu contato no grupo de whatsapp da turma, preparada para mostrar sua foto para minha mãe. "Tem garotos bonitinhos?", ela ia perguntar. Daí eu: "aham, aqui, olha a foto". E era importante que eles fossem realmente bonitos. Naquela época, eu tinha mania de olhar para baixo. Tanta beleza no mundo em formato de homens lindos por aí e o auge da adolescência era o momento de aprender a admirar. Meu primeiro dia de aula já era um treinamento para refinar minha visão.

Lucas era mesmo bonito. Magro, mas não o tipo de magro "tenho medo de quebrar seus braços sem querer". Ele fazia dança, tinha músculo. Era espaguete cru, não o cozido que é mole demais para enrolar no garfo.

Era alto, de modo que o contraste entre nossas alturas era cômico. Mas eu gostava. Amava, na verdade. Tudo nele era bom de olhar. Sorriso grande e olhos castanhos que brilhavam pra qualquer coisa. Cabelo que, com ajuda de gel, era espetado para cima. Risada alta que se identificava fácil.

Eu disse que ele era o mais bonito, mas quando ficamos amigos me esqueci disso. Lucas namorava na época e namoro é broxante. Sou competitiva no amor, mas não compito com namorada nem com outra mulher. Minha competição não é com elas, dar toda essa bola para homem é perder no jogo que eu e ele jogamos. Não me apetece. Então quando descobri que Lucas estava indisponível, nada me interessava mais do que apreciar apenas sua amizade.

Nós ficamos bem próximos. Éramos vizinhos e começamos a voltar para casa juntos. Papo vem, papo vai. Quando ele disse que queria terminar com a namorada, lembrei que Lucas era homem e que era bonito. Que eu poderia beijá-lo e que eu poderia gostar.

Ficamos juntos duas semanas depois do término. A ex achou que, por Lucas esperar tão pouco para beijar outra garota, ele tinha traído ela comigo e por isso que terminou. Era problema

dele. Como não era verdade, pouco me importava que me chamassem dos mais diversos xingamentos. Porque eram equivocados, mas compreensíveis. Eu xingaria também no lugar dela, fazia sentido ter ciúmes. Na época, não sentia que estava sendo uma boa pessoa.

Em minhas memórias, meu contato com Lucas durante seu namoro era inocente, uma necessidade de fazer amizades que eu gostasse em uma cidade que me incomodava. Mas lembro dos burburinhos de alegria em minha barriga que sentia ao andar com ele, sozinhos até em casa. Lembro do sorriso que crescia em meu rosto com nossas piadas internas, com o jeito que ele se virava para mim para comentar algo e ria do que ele mesmo falava. Quando beijei Lucas pela primeira vez, foi estranho o fato dele superar a ex tão fácil, mas não me afetou. Para mim, poderia ter sido mais cedo.

À princípio, beijávamos em segredo. Um pedido dele já que não houve tanto tempo entre seu término e o nosso começo. Mas esse período foi curto, creio que uma semana. Talvez um pouco mais. Amigas nossas descobriram que estávamos juntos e pude demonstrar meu afeto em aberto pouco tempo depois, a espera não me fez falta.

Não era namoro, Lucas não gostava de rótulos. Eu — mesmo que gostasse, mesmo que chamá-lo de namorado teria me feito vibrar de alegria — gostava mais de Lucas do que um possível título. Por isso, só agora, depois de tudo, esfrego na cara dele através dessas palavras de que era basicamente namoro. Exclusivos e fofos.

Lucas era tudo o que eu precisava naquela época. É importante entender que Santo Ângelo era uma cidade pequena demais, limitante demais. Na adolescência eu tinha idealizações que esse lugar não conseguia suprir. Estava pronta para minha fase rebelde, que consistiria em voltar tarde para casa depois de uma festa de copos de plástico vermelhos, depois de ter encontrado meus amigos de mentes revolucionárias para conversar sobre injustiças do mundo pelos telhados antigos de uma rua abandonada, ouvindo a música de uma banda que apenas nós éramos familiares. Eu me apaixonaria por um pintor, que apenas faria sucesso com suas obras anos depois. Ele me recitaria uma poesia criada na hora e me beijaria sobre o nascer do sol da madrugada, que avisaria que deveríamos voltar para casa.

Eu não possuía isso. Mas eu possuía Lucas: um garoto de uma cidade ainda menor que Santo Ângelo, que se sentia preso naqueles lugares tão pequenos. Ele sabia acordeão, mas odiava tocar a música de fundo para os colegas que recitavam poesias galdérias no mês de setembro. Lucas queria aprender piano. Ele queria tudo, na verdade. Sonhava bastante. Frustrava-se com a família por terem uma mente tão fechada e vivia reclamando da classe alta. Seu hobby preferido deveria ser reclamar dos luxos de outros, adorava fazer piada do dinheiro

de minha família. Que na época não era imenso, aliás, se não eu não teria ido para Santo Ângelo e ele nem precisaria se dar o trabalho de me chamar de burguesa.

Devia ser uma espécie estranha entre admiração e inconformidade o que brilhava nos olhos de Lucas quando eu falava da cidade grande. Porque, mesmo sendo contra o dinheiro, ele sempre foi glamouroso. Aquele paradoxo contrastava em suas pupilas, no sorriso largo e sonhador que buscava sair daquela cidade tanto quanto eu. Mais que tudo, eu amava como os olhos dele brilhavam, me fazia sentir importante. Era a comprovação do meu ego bem diante de mim, me beijando, me abraçando e segurando a minha mão. Havia vivido o que ele não conhecia. Na adolescência eu tinha um grande complexo de superioridade que necessitava ser suprido e Lucas me saciava até a pança estufar.

Mas o problema do ego, é que ele não tem muita relação com paixão pelo próximo. Ao contrário, quanto maior ele é, mais se afasta daqueles que o alimenta. Meu arrebatamento inicial por Lucas foi se esvaindo e, ao invés do amor se aflorar no lugar, as frescuras brotaram em meu peito. Quando ele deixou o cabelo crescer até o ponto em que não podia mais usar gel, meu mundo caiu. De repente, ele ria alto demais. Desnecessariamente demais. E dançava tão mal, mas tão mal que antes eu achava que era charme. Mas aos poucos se tornou um desconforto em minha barriga que nem chegava a ser vergonha alheia, era vergonha própria. Pois Lucas estava comigo, interligado a mim e à minha imagem. Se ele dançasse ocasionalmente, talvez esse fato tivesse menos peso em meus sentimentos. Mas Lucas dançava com a mesma frequência que piscava durante o dia. Era que nem o menino baterista que batuca em tudo o que vê. Qualquer melodia o fazia encolher os ombros e depois esticar o pescoço, de novo e de novo, quase como se uma galinha tentasse voar no ritmo de um tambor. O que previamente era uma forma peculiar e especial de se expressar, se tornou desnecessário e eu queria morrer por dentro toda vez que ele dançava ao meu lado.

Não queria mais alguém que me admirasse, eu queria admirar. Evoluir. Lucas era ingênuo, seus pontos de vista eram limitados, preto no branco. Explicava como o mundo era ruim e injusto como se eu não soubesse.

Quando eu disse que iria para São Paulo nas férias, ele finalmente me pediu em namoro. Respondi que pensaria a respeito e terminei nosso relacionamento assim que voltei de viagem.

Sem choros, nem tristezas de minha parte. De cabeça erguida, eu o imaginei chorando com nosso término. Em minha mente, havia vencido nosso jogo. Eu seguiria em frente enquanto Lucas nunca me esqueceria.

Uma semana depois ele estava namorando.

Algo que até então não tinha dado atenção, a rapidez com que ele terminou com a antiga namorada e começou a ficar comigo, foi aplicado a mim. Na cara dura. Não só isso, mas ele se manteve meu amigo, de cabeça erguida também.

O pior de tudo é que o cabelo de Lucas cresceu mais ainda. De um corte tigelinha, triste de olhar, se tornou uma cabeleira que definia seu rosto e deixava suas feições mais bonitas do que já eram quando o conheci. Ele a prendia em um injusto coque, com fios que escapavam do elástico e que, do nada, sem eu perceber, passaram a me fazer suspirar.

Ele ainda teve a audácia de fazer intercâmbio. Ficou um ano fora, nos Estados Unidos. Terminou com a garota de nossa escola e começou outro relacionamento com uma alemã. Lucas estava indo para festas de copos de plástico vermelhos e se apaixonando por uma gringa que eu aposto que fazia poesia. Se não fizesse, sua face era o próprio poema de tão linda.

O placar do nosso jogo estava triste para o meu lado. A derrota me amargurava e me torturava de tal forma que Lucas passava constantemente em meus pensamentos. A frustração de perdedora me mastigava e me cuspiava. Eu só o queria de volta de novo.

Mas meu orgulho impedia de eu pedir para voltarmos. Acreditava ser inaceitável desejá-lo em voz alta. Além disso, apostava que ele não me aceitaria. O que era uma boa estratégia da parte dele, me rejeitar. Se ele me quisesse tão facilmente, eu não o desejaria tanto. Jogos são assim. Interessantes enquanto são difíceis. Lucas parou de ser paixão, parou de ser carinho. Era uma competição que mexia com meus batimentos cardíacos e se assemelhava ao amor quando não era.

Seis meses depois da viagem dele, fiz minha própria mudança. Saí finalmente de Santo Ângelo, lugar que já me fazia mal demais, e fui morar em Porto Alegre. Longe das memórias dele, que me envergonhavam de tão burra que me deixavam. Último dia naquela cidade e eu passei por sua casa, só imaginando ele descer na portaria e me chamar para subir como fazíamos antes. Agradeço ter saído de lá a tempo, antes que eu enlouquecesse de vez.

Em Porto Alegre namorei outro cara. Mas Lucas nunca sumiu. Passou a trocar fotos no Snapchat, na época em que o aplicativo ainda fazia sucesso. Ele respondia o que eu mandava, eu respondia o que ele mandava, nunca perdendo contato. Lucas se tornou uma constante. Por um segundo, não mais um jogo, já que aquela partida eu estava competindo com outro, mas sim, um conforto. Um amigo bonito que eu já quis beijar e levar para cama e, agora, me fazia rir e ter saudade.

Esse meu ex também ia para um intercâmbio (sou melhor que visto). A gente terminaria quando ele fosse embora, esse era o combinado. A verdade que ele não sabe é que eu teria terminado nosso relacionamento mais cedo se já não tivesse uma data de validade pré-

determinada. Sempre dá para enganar a si mesmo e achar que aguenta só mais um mês. Mas aguentar é péssimo, nem que seja por um minuto ou segundo sequer. Talvez meu ex nem merecesse a frustração que eu sentia por ele, mas minha resistência em manter o sorriso no rosto se esvaía toda vez que ele dizia “ô, mor” de forma melosa demais.

Como se eu já não estivesse questionando minha moral como ser humano, remoendo as mínimas minúcias que me incomodavam no meu ex enquanto ainda o beijava e dizia que sentiria saudades, ele também pegaria o voo para ir embora do Brasil no mesmo dia em que Lucas voltaria. E, para deixar mais claro ainda meu dilema, o percurso que Lucas precisava fazer para chegar em Santo Ângelo passava por Porto Alegre para pegar o ônibus.

Ele mandou mensagem, queria me ver. Eu ficaria solteira no segundo em que meu ex colocasse os pés dentro do avião e, com a moral frágil de quem aguentou um mês de um péssimo namoro, queria muito ver Lucas de novo.

Nos encontramos em uma pizzaria perto de casa, gourmet com uma atmosfera alternativa. Sabia que isso iria impressioná-lo. Ainda lembrava de como funcionava nosso jogo, como ganhar meus pontos. Fui bonita, arrumada. Maquiagem, sapatilha e vestido. Cabelo feito. Estava cheirosa também. Conversamos por sei lá quanto tempo, os olhos de Lucas ainda brilhavam quando falava do que gostava e desgostava. Ria alto, caricato até hoje.

É importante dizer que ele continuava namorando a gringa. Relacionamento aberto para sobreviverem a distância entre os dois, mas firmes e fortes. Estavam namorando com todas as letras, algo que eu nunca tive com ele. Pouco me importava na época, recém tinha acabado um namoro ruim, só queria a companhia de um cara, independente do que aquilo significava.

A gente saiu para caminhar depois do jantar e ele me beijou no meio da rua. Não sei o que nos motivou a sair a passear no meio da noite em ruas não tão seguras, mas o coração batendo de medo pela possibilidade de ser assaltada se confundiu com o beijo e as mãos na minha cintura, nas minhas costas, no meu pescoço. Fomos para minha casa, achando que morreríamos por ter um cara nos seguindo no meio do caminho. Subimos e fomos pro meu quarto. Ficamos um tempo lá, fazendo coisas de quartos, mas ele teve que ir embora logo depois. Sua mãe estava esperando com a caminhonete para levar ele para Santo Ângelo.

Eu poderia ter vencido ali. Mas não era o bastante. Talvez por ele estar namorando, aquela vitória não parecia o suficiente e eu queria mais. Talvez por ter sido mais leve ficar com ele do que com meu antigo namorado. Talvez porque aquela noite parecia ter sido mais conquista dele do que minha.

A gente continuou trocando mensagens. Mais sugestivas dessa vez, sem precisar esconder interesse. Ele precisava de um lugar para ficar em Porto Alegre para fazer vestibular e eu ofereci minha casa.

1x0 para Lucas.

Ele ficou quatro dias. Um para se ajustar e estudar, dois dias de prova e um último para se preparar para voltar. No primeiro dia dormimos tarde na minha cama. No segundo tomamos cerveja com amigos e voltamos bêbados demais para fazer qualquer coisa ao chegarmos em casa. No terceiro, ele voltou da prova distante. Cansado. Eu o beijei e ele não segurava mais minha cintura. Os olhos estavam foscos, sem aquele brilhaço que tinha antes quando eu me aproximava devagar. Tentei beijá-lo de novo e não ganhei nenhuma reação. Ele tinha uma relutância até em encostar a língua na minha. Desisti e fui dormir envolvida na própria vergonha, sendo que ele, dormindo do meu lado, não me abraçava.

No quarto dia, apresentei a ele um brechó para ajudá-lo a achar um chapéu. Depois o levei para a rodoviária e, com um selinho em meus lábios, ele sorriu e foi embora.

2x0.

Nas férias, eu voltei para Santo Ângelo, ver minha mãe e meus avós. Lucas me convidou para uma festa na casa dele em São Miguel, 40 minutos de distância de lá. Viajei com um amigo meu. Queria dizer que estava sem expectativas, mas viagens para cidades pequenas sempre dão esperança. É culpa do mato e das ovelhas. A mudança de ambiente causa um nervoso na barriga que se confunde com promessa de beijo.

Na festa bebi e fumei, ri. Lucas não tinha o foco dele em mim, mas com amigos em volta eu não percebia. Quando minha cabeça já estava tonta e meus pensamentos demoravam para acompanhar meu corpo, percebi que ele havia sumido. Não só sumido, mas sumido acompanhado de alguém.

3x0.

Uma derrota humilhante para o time da casa.

O que eu não havia bebido, bebi. Estraguei o que ainda tinha para estragar de mim. Meu amigo me convidou para pularmos na piscina e eu aceitei. Tiramos os tênis e pulamos, de roupa ainda no corpo, naquela água clorificada que eu havia limpado junto com Lucas no começo da noite.

Nadei mais que meu amigo, ele sentiu o frio da madrugada antes que eu. A bebida e a idiotice esquentavam o organismo e me afogar de humilhação parecia promissor naquele momento. Ele pegou uma das toalhas penduradas no varal, se envolveu nela e disse que queria

meditar. Saí da piscina, me enrolei na minha própria toalha e sentei com ele na grama, de perna de índio, olhos fechados, coluna ereta e respirando fundo.

Amigos riam de nós de onde estavam sentados, porque embriaguez alheia é algo cômico. Mas a dormência de ter sido feita de otária me deixava com a mesma quantidade de pudor quanto um bêbado cambaleando na rua. Por sorte, no meio de nossa meditação, e digo isso com uma noção plena de meu egoísmo, meu amigo se virou para o lado e vomitou no canteiro de flores da casa de Lucas. Era uma vingança indireta contra o homem que transava com outra a alguns metros de mim. Ao mesmo tempo, cuidar de meu amigo era uma distração para pensamentos deprimentes que meu estado de alcoolismo não deixava afastar.

Voltei para casa no dia seguinte com a ressaca martelando em minha cabeça e o fracasso grudado na pele suja de cloro. Havia decidido que nunca mais falaria com Lucas. Aquilo havia sido a gota d'água e ele nem deveria ter feito aquilo com má índole. Deveria estar pouco se lixando, ele tinha a foto da namorada gringa dele na tela de bloqueio em seu celular. Não devia satisfação para ninguém sem ser ela, que também devia estar pegando os alemães que ela queria em seu canto do planeta. Eu não tinha direito de ficar abalada e o fato de que estava era inaceitável. Era um lado podre em mim que eu não merecia expor.

Então estava decidido que eu cortaria contato, que eu o deixaria no vácuo na próxima mensagem que ele mandasse e seria o arremate para tudo isso.

O problema é que ele não mandou mais mensagem e é difícil deixar no vácuo alguém que não está interessado em falar contigo. Assim, eu não tive como mandar o recado de “desculpa, lindo, a fila anda”. Afinal, ele já estava dando atenção para outra na fila dele.

Então aguentei esse gosto amargo na boca por uns bons meses. O assunto inacabado pairava na cabeça e eu fingia ter superado. Ele não passou no vestibular de primeira e considerei isso como uma vitória satisfatória mesmo que claramente não fosse.

Voltei para Porto Alegre para começar a faculdade e logo veio a pandemia. Voltei para Santo Ângelo de novo, para ficar com a mãe e minha avó. Meu vô não estava mais conosco, havia falecido na véspera da véspera de Natal. Fiquei seis meses isolada até começar a ir para a casa de alguns amigos, que faziam pequenos encontros com uma galera de lá. Criei lentamente um afeto por Santo Ângelo que antes, enquanto eu morava lá, não possuía.

Lucas foi em um desses encontros. Eu sabia que ele seria convidado eventualmente. Preparava meu coração para isso. Ensaiei meu nariz empinado, minha indiferença elegante. Meu amigo, Antônio, o mesmo que mergulhou comigo na piscina e vomitou no canteiro de flores, tinha uma paixonite por Lucas. O que o fazia contar sobre a vida dele em muitas oportunidades sem eu precisar perguntar. Eu ganhava atualizações de como ele estava em São

Miguel, quando viria para Santo Ângelo, como estava indo o plano para a faculdade que ele ainda não conseguira entrar.

Porém, no dia em que Lucas foi em um rolê conosco, eu não estava ciente. Apareceu com um carro na frente da minha casa junto com Antônio, que disse que ele ia nos dar carona.

Fomos para a casa desse meu amigo e eu já achava que finalmente iria me vingar da vergonha de antes. Estava decidido que eu ia beijar um garoto que Antônio disse que me achou bonita. Eu achei ele bonito também. Isso mostraria que eu havia superado, que agora eu estava bem com a vida, evoluída como ser humano, aceitado que os beijos bons de Lucas eram águas passadas. Mas o infeliz que disse que me beijaria não veio. Meus planos e estratégias foram para as cucuias e tive que aceitar que um nariz empinado e uma indiferença elegante bastaria.

Não bastaram. Porque assim que eu fui para a cozinha, de repente, mais um amigo veio comigo, mais outro e mais outro, até que apenas Lucas e a única outra garota do rolê restaram na sala. Propositalmente, é claro. Porque ninguém ligava para o meu estado mental, devia ser.

Um dos meus amigos havia deixado algo na sala e quis pegar, mas o impediram para não “atrapalhar”. A raiva subiu e só me mantive ali, parada naquela cozinha, na base do ódio e do orgulho, porque me recusava a ter uma repetição do que ocorreu na casa de Lucas. Já havia perdido demais. Precisava de uma vitória e me recusava a sair sem ela.

Quando minha amiga chegou na cozinha sem ter acontecido nada, desceu em mim um monstro com apenas uma determinação: beijar todo mundo naquele lugar.

Primeiro ela. Queria ficar com essa amiga fazia um tempo já e a situação me deu coragem para cochichar em seu ouvido e sugerir para a gente se afastar do grupo. Lucas passou por nós quando eu estava no colo dela e as mãos emaranhadas em seus cabelos. Rimos, bêbadas. Eu não o olhei por tempo demais, estava ocupada. A noite não seria sobre ele, só sobre mim. Beije mais outro, um amigo bonito que no meio do papo me aproximei o suficiente para ele me puxar pela cintura e tascar um beijo em plena roda de conversa. Álcool e raiva é maravilhoso para ajudar a passar o rodo. Peguei mais uns dois. Um feio e outro não consigo me lembrar quem era.

O sol raiou de forma gloriosa naquela madrugada, caminhei cambaleante e sorridente até em casa.

3x1.

Dois dias depois Lucas me mandou mensagem, tarde da noite, perguntando se eu não queria ir até a casa dele. Um vácuo seria uma delícia de fazer. Tão fácil também. Mas o ruim da competitividade é a ganância que vem junto. É aquela pequena voz no fundo da mente,

ignorante o suficiente para achar que dá para tirar mais uma lasquinha do homem que não te quer. Para achar que dá para prolongar nosso jogo por mais um pouco.

Respondi que eu não podia.

Mas que era uma opção sair no meio da semana. Aproveitar que ele estava de carro para darmos umas bandas.

Respondeu com um "aham, claro". "Claro" com dois "o"s, no caso. Depois disso, respondia uma vez a cada semana. Era vago em suas respostas, sempre com uma risadinha no final. Meu pontinho no placar começou, aos poucos, a perder sua importância e, antes que eu deixasse isso acontecer, não o respondi mais.

Era isso. Havia dado o vácuo final. Aquilo devia valer algo na contagem de pontos. Achava que eu estaria vitoriosa, com medalhas pesando em meu pescoço. Mas um jogo de amor que se você amar, você perde, o final é ruim e anti-climático. Você analisa suas estratégias antigas, as ações dele e as suas, e confere se o placar está certo. Sem recompensa e algumas punições. Não tem o porquê de jogar um jogo chato desses.

Mas, de qualquer forma, Lucas esses dias voltou a me seguir no Instagram. Então quem está vencendo agora?

## A Princesa e o Sapo

Eu tinha um plano. E tudo parece incrível quando se tem um plano. Uma estratégia com começo, meio e fim sai conforme o esperado se for seguida com rigor.

É como saber o final de um filme antes de assisti-lo. Não é necessário se preocupar com os riscos que ameaçam a vida da mocinha, pois já se sabe que logo antes dos créditos surgirem na tela, ela estará casando com sua alma gêmea. Feliz, viva e saudável, jogando um buquê para a melhor amiga. Esta que também sobreviveu e que será a protagonista no segundo filme da saga, onde, no final dele, se apaixonará pelo padrinho do noivo da mocinha original. Sem agonias, pois qualquer dor e sacrifício foi para alcançar o felizes para sempre.

Mas um roteiro que ainda não foi gravado, não é um filme, e um plano que não foi executado, não é vitória. Apenas uma falsa paz de espírito.

Passei dois anos da pandemia na casa de meus avós, em Santo Ângelo. Minha faculdade era ainda em Porto Alegre e já estava predeterminado que eu voltaria para lá quando as aulas presenciais voltassem. Não teria o porquê de me apegar a alguém, mas meu melhor amigo na época ligou para Igor por vídeo-chamada um dia e deu uma vontade de beijar a boca desse rapaz.

Antônio, esse amigo, deu uma de cupido, vendendo o garoto feito verdura de feira. Adoro ele, Marina. É bonito, divertido, te achou um filé, vai que é tua.

Foi um jeito grosseiro de me elogiar, mas é bom se sentir atraente.

Nos conhecemos em uma festa na casa de Antônio, que liberou o quarto para nós. Estávamos bêbados demais para nos conhecermos direito, mas o beijo era bom, o resto também. O resto era ótimo. Quando voltamos aos nossos amigos, meus planos em relação a Igor se tornaram mais ambiciosos de tão bom que o resto foi. Maldito resto. Beijá-lo só uma vez não valia a pena.

Igor desde o primeiro dia me encarava e sorria com uma carinha de chapado, que não dava para saber se era seu olhar de sedução ou puro álcool na veia. Combinava com a aparência que ele queria passar de "bacana demais para ir ao cabelereiro". Antônio gamava todo em um maloqueiro, tinha o gosto similar ao meu. Poucos minutos depois de termos saído do quarto, ele me perguntou se poderia beijar Igor. Se podia ser a vez dele.

Disse que não. Meu plano era voltar para Porto Alegre quando a faculdade abrisse as portas para o presencial de novo, comprometimento e exclusividade não estavam em minha agenda. Igor poderia foder com metade de Santo Ângelo e contanto que ele usasse proteção, não haveria objeções de minha parte. Seria um troféu ficar com um bonitão com selo de aprovação de tanta gente.

Mas ainda assim, na minha frente não. Eu estava bêbada demais para fingir indiferença ao ver o garoto que tinha acabado de tirar minha roupa beijar meu melhor amigo. Aceitei que me incomodaria e não deixei. Antônio me entendeu e não tentou nada.

Igor não morava em Santo Ângelo. Depois da festa passei a vê-lo a cada duas semanas. Mas conversávamos por mensagem todos os dias. Ele mandava vídeos do que estava fazendo, trocávamos áudios e conversas que se alongavam em inúmeros blocos de conversa pelo Whatsapp. Um sistema que funcionava para mim, sendo que nunca me dei bem com proximidade em excesso. Relacionamentos em que passava grandes períodos de tempo com a pessoa nunca duravam. Eu era propícia a enjoar fácil. Morar 40 minutos de distância de mim era bem atraente.

Os boatos que ouvi desse menino não foram os melhores, mas, ao seguir minha lógica de pouco envolvimento, estava confiante que me protegeria de qualquer ponto negativo.

Falaram um monte de coisa. Que tinha problemas de se abrir e questões familiares que eu não deveria me meter. Que ele era cachorro e que não era tão legal assim quando não estava comigo. "Pitbull com sede", segundo Antônio. Aconselharam que eu tomasse cuidado e foi o que fiz, mesmo não o largando.

Se Igor fosse mesmo um mulherengo, cachorro, safado, bom para ele. Não pedi por sua lealdade e não a precisava. Era bom quando estava comigo, me tratava bem. Não seria para sempre, então poderia apenas aproveitar as partes boas. As partes que eu via.

Igor gostava de mim, olhava nos olhos como quem gosta da coisa. Eu olhava para ele da mesma forma. Aliás, mesmo não buscando exclusividade, esse homem me satisfazia tão bem que não me interessava mais nenhuma outra pessoa. Igor bastava. Mesmo o vendo a cada duas semanas, o tempo que passávamos conversando por mensagem e os momentos que a gente se encontrava, eram o suficiente.

Ele tinha senso de humor. Dois anos mais novo e com as graças de guri. Vontades de guri também. As vulgaridades que ele dizia eram de um nível elevado, com tanta criatividade que deveria ter roteirizado todas as cantadas. Coisa que deixava as pernas fracas e os dedos tremendo para queimar o celular, eliminando qualquer evidência do que foi lido.

Igor tocava violão e cantava. Sua voz era péssima, mas nem eu nem ninguém contou para ele. Tinha uma fofura no desconforto de escutá-lo e não havia motivo para magoar o orgulho do garoto. Já havia até gravado algumas músicas com uma produtora da região, se sentia famoso. Sua voz saía editada no Spotify, mas não o suficiente para remover toda a desafinação.

Para tentar guiá-lo na melodia certa, às vezes eu cantava junto com Igor. Mas não me importava tanto, gostava da alegria dele ao mostrar seu talento. Era doce sua empolgação, a vontade de impressionar. Meu coração palpitava quando ele me encarava depois de cantar a pior música que meus ouvidos já presenciaram. Tenho até hoje o áudio salvo da canção que compôs para mim. Chorei de emoção quando tocou em minha frente.

Qualquer uma das pessoas que convivia conosco dizia que ele cantava ela para todas.

Deve ser, Marina, porque Igor é cara de pau o suficiente para largar essa picaretagem. Não se ilude.

Mas nunca me vi como iludida, só teimosa. Considerava eles errados por uma questão de lógica. Igor tinha um lado romântico que só mostrava pra mim. Cada referência que tinha em sua letra era um carinho, cada palavra era sobre nós. Como vivíamos tomando vinho juntos, nos beijando bêbados, risonhos e sem conseguir se afastar. Como meu nome lembrava ele o mar e a música era sobre velejar em um barquinho no oceano.

Igor passava o tempo pensando em mim, eu passava o tempo pensando nele.

Era o resultado ideal de um plano perfeito. Pois a estratégia que criei tentava se adaptar aos sentimentos que poderiam e começaram a aumentar. Era um bom relacionamento em que eu me sentia apaixonada, porém sem possuir as preocupações de um namoro. Nunca fui de sonegar carinho, mesmo em algo casual. Sou do toque, do beijo, do abraço. Gosto de um braço em volta de mim durante as conversas. Gosto de rir e encarar uma pessoa que me encara de volta. Falo que é lindo, faço cafuné, admito estar com saudades. Nós sempre estávamos com saudades.

E deixei claro, desde o começo, que não buscava algo sério, que não estava disposta a colocar uma data de validade em nossa relação por eu ter que ir embora eventualmente.

Era assim que eu sobreviveria, também. Ouvi muitos avisos contra o garoto para ser ingênua de não acreditar neles. Não era como se eu os negasse. Apenas criava soluções para burlar a possível escrotidão de Igor, que tanto escutei sobre, sem ter que lidar com ela. Se ele fosse um secreto babaca, não faria diferença. Pois longe de mim, não era da minha conta.

Ele veio passar o final de semana comigo. Estávamos abraçadinhos no sofá. Uns amigos ligaram por vídeo-chamada para que fôssemos na casa do Antônio de novo. Era pouca gente: eu; Igor; o anfitrião da casa; Isa, minha aliada-mulher no grupinho masculino; Rafa, o ficante dela; e Juca.

Seis no total.

A previsão era que os pobrezinhos dos garotos, Antônio e Juca, ficassem de vela. Uma droga, mas acontece. Convidaram dois casais, teriam que aguentar dois casais.

Mas Igor estava estranho. Distante. Sentou do meu lado, mas não chegava perto, conversava com as pessoas do lado e sequer me tocava. Alguns minutos na roda de conversa e ele estava abraçado com Antônio, Isa estava abraçada com Rafa e eu e Juca estávamos com uma cara de tacho, as mãozinhas repousadas no colo e se perguntando o porquê de termos vindo. Era como se eu e Igor estivéssemos ficando em segredo e todos ali não soubessem a razão para ele estar hospedado na minha casa.

Lá fui eu criar meus estratagemas de novo. Aquilo era ridículo e eu não engoliria. Eu tinha planos, minhas vontades eram claras: o pacote completo do que um namorado era, mas sem o comprometimento. Mesmo que fosse um desejo egoísta, eram os meus desejos egoístas e se eu não batalhasse por eles, ninguém iria. Nem mesmo Igor, pelo o que dava para ver.

Então fui para linha de frente, lutar contra esse homem que achava que não estávamos assumidos, e fui aos poucos me movimentando com a cadeira para mais perto. Um centímetro depois do outro. Quando eu ria, colocava a mão em seu joelho. Ao me distrair da conversa, mexia em seu cabelo, rodopiando os fios longos em meu indicador e sorrindo boba.

Encurrulado, Igor entendeu os sinais e se aproximou. O braço passou por trás de mim e repousou em meu ombro. Bem melhor.

Sem mais receios, ele voltou às suas queridezas. Apertou meu corpo, beijou meu rosto de novo e de novo, acariciou minha perna na frente de todos em meio a risadas e conversas. Enroscamos nossos braços para tomar da bebida do outro, a festa se tornou boa. O álcool passou a fazer efeito e bebemos mais durante a noite com medo da sobriedade nos alcançar. Vinho com caipirinha e mais aquelas vodkas de nove pila com gosto de etanol.

Igor me puxou até a cozinha, me colocou em cima da bancada e tomou meus lábios com força, os dois já bêbados o suficiente para tudo em volta se tornar abafado, para eu não lembrar a hora exata em que saímos dali. A próxima cena foi ele com a língua na garganta de Antônio, eu sentada na cama junto com Isa, observando e rindo. Depois, Antônio ficou com Rafa, que ficou com Igor, que ficou com Antônio de novo.

O álcool não me permitiu ficar brava, muito menos com ciúmes. Mas ainda me parecia sacanagem. Não estávamos exclusivos, porém na minha frente era mancada. Principalmente quando ele lambia todo mundo enquanto eu só observava, sozinha.

A única coisa sensata que pude fazer foi me aproximar de Isa e dizer: "A gente está muito de vela, me beija", Não acho que precisei terminar a frase para a boca dela ir até a minha. Amassei seu cabelo nas mãos, meus óculos bateram contra os dela, vozes masculinas e tontas comemoraram no fundo.

Meu orgulho foi mais ou menos restaurado. Não era mais a voyeur do rolê e aproveitei o resto da noite. Sempre havia um plano para tudo se consertar.

Voltamos para casa, a mão de Igor na minha. Cambaleamos até o quarto, nos abraçamos em minha cama. Eu estava de bom humor, sorrindo inebriada ao acariciar seu peito com o indicador, apenas esperando o sono chegar.

"Desculpa", Igor disse.

O encarei no silêncio. A luz estava acesa, mas nenhum dos dois teve energia para se levantar e apagá-la. Já tinha ideia do que seriam as razões pelas quais ele queria meu perdão, mas perguntei mesmo assim.

"Pelo o quê?"

Não tive uma resposta. Era normal, Igor se comunicava bem melhor quando mandava mensagem. Embebedado, de preferência. Muitas vezes quando ele me elogiava ou dizia o quanto queria me ver eu já perguntava qual havia sido o álcool daquela noite. Era uma ocorrência tão comum que era preciso Igor me avisar que estava sóbrio antes de flertar comigo.

Então ele não me disse o porquê e eu não me surpreendi. Provoquei se era sobre a distância que estávamos tomando no começo da noite, mas para aquilo ele se defendeu, dizendo que a galera nem sabia que a gente estava junto. Tive que lembrá-lo que a razão para ele estar em Santo Ângelo naquele final de semana era para me encontrar. Que era eu que estava o hospedando. Que nos chamaram ao mesmo tempo por vídeo-chamada para ir na casa do Antônio, nos viram abraçados no meu sofá. Igor não conseguiu se justificar depois disso e pegamos no sono.

Só depois de alguns dias que ele veio elaborar o que o incomodava.

"Ei, Marina. Posso te fazer uma pergunta meio íntima sobre nós?", foi a mensagem que recebi. Elas ainda estão salvas em meu celular. Não apaguei nada.

Igor e eu não discutíamos nossa intimidade, muito menos nossa relação. Eu havia deixado claro que não queria namoro, mas qualquer coisa além disso ia contra o plano. Entre beijos e se chamar de "meu céu", "meu mar" e "xuxu", palavras de sentimentos mais sérios se mantinham não ditas. "Eu te amo" já havia entalado na minha garganta mais vezes do que eu gostaria de contar.

Mas claro, faça a pergunta.

"Você sente ciúmes de mim?", ele enviou.

Eu respondi que dependia. Da situação e se fosse na minha frente. Porque eu tive que catar alguém para beijar no improviso para não me sentir uma tapada quando ele pegou toda a galera do grupo diante de mim. Nesses casos, sim, poderia incomodar.

"E tu? Mesma pergunta", eu pedi.

"Sinceramente, eu sinto um pouquinho. Por favor, Marina, beija mais ninguém não, se não eu fico triste." A mensagem foi acompanhada de duas carinhas chorando e uma risada composta por várias letras grudadas na outra. Sahskjdahskjd.

A mensagem era sacana, porque eu não queria beijar mais ninguém sem ser ele. Desde que começamos a nos falar. Fiquei com a Isa porque era a minha dignidade em jogo ali. Poderia ser contraditório ao meu plano de não criar vínculos, mas se fosse por mim, Igor teria até me carregado até a casa de Antônio para chegarmos na festa comigo em seus braços.

Mas havia um charme naquela audácia que me fazia sorrir, tentando imaginar ele do outro lado do celular, bolando uma forma de pedir para sermos exclusivos.

Parte do grande esquema era evitar discussões de relação. Felizmente para mim, eu não gostava que elas fossem feitas por mensagem e Igor não tinha coragem de discuti-las de frente. Mas dessa vez, só dessa vez, afrouxei minhas regras.

"Acho que é um papo para se ter em pessoa, mas eu não penso em ficar com ninguém."

"Essas conversas pessoalmente abalam meu frágil mundinho. Sem querer soar possessivo, mas fiquei feliz com isso. Eu também não penso em ficar com outras pessoas se é de sua curiosidade."

"Sei lá, estou confortável assim."

"Eu também, temos tanto em comum."

Ao reler essas mensagens, me dá vontade de arrancar as teclas do computador e engolir uma por uma. Plástico seria mais fácil de digerir do que as boas memórias. Eu havia esquecido o quão leve ficar com Igor era. O plano para me manter centrada, as conversas fluídas e os carinhos a cada duas semanas eram tudo o que eu precisava.

Nos mantivemos bem por oito meses. O que é pouco para vários, mas um grande tempo para mim. Não tenho relacionamentos duradouros. Igor foi um dos únicos. As regras eram restritivas, mas funcionavam. Se não nos abrissemos tanto, a despedida não doeria e não seria um término. Duas pessoas que se gostavam e que não beijavam mais ninguém estariam apenas se dizendo tchau.

Mas daí Igor disse que me amava. No quarto dele, alguns minutos antes de eu voltar para Santo Ângelo. Tinha me encarado por um tempo antes de falar aquilo, criando coragem.

Ele queria quebrar as regras, se aproximar mais. Minha adolescência toda eu passei me despedindo de quem eu amava, me mudando de lá para cá. Não queria que Igor fosse mais uma das pessoas que me fariam chorar quando eu fosse embora. Era péssima a experiência. Ele não

sabia disso, mas eu sim. Não o deixei quebrar regra nenhuma. Meu plano era bom e eficiente. O "também te amo" foi escondido dentro de mim e dei a pior resposta possível.

"Obrigada, fico muito feliz."

Abracei Igor, o cachorro tristonho que se aquietou todo pela falta de reciprocidade, e fui para casa.

Pelo o que sei de nossa história, foi aí que Igor passou a odiar meus planos. Em silêncio, com uma raiva singela. Mas ela existia onde eu não percebia. Eu o achava compreensivo quando, na verdade, o sacana ignorava qualquer declaração que eu dissesse que não contivesse as três palavras que não saíam de minha boca. Fui honesta em todos os outros aspectos. Admiti estar apaixonada, que ocultava sentimentos por conta do meu curto prazo em Santo Ângelo, que ele era importante para mim e que era meu relacionamento mais longo. Tudo que, em conjunto, significava exatamente o que Igor queria ouvir de mim, mas que eu recusava falar.

Um mês depois, na casa de um dos amigos do grupo, cansei da multidão e fiquei conversando com Antônio na varanda. Ele me atualizava de uma festa da turma dele, que Igor foi, mas eu não tinha sido convidada. A maioria dos convidados ou bebeu além do limite ou tomou um remédio tarja preta, o que fez todos chorarem uma hora ou outra durante as celebrações.

Não foi um evento que me entristeci por ter sido privada, mas minha ausência havia sido um problema. Antônio deixou escapar que beijou Igor nesta festa.

O mesmo Igor que pediu para eu não ficar com mais ninguém, totalmente confortável em apenas ficar comigo. Até dei uma checada nas minhas antigas mensagens para ver se não fui precipitada, porém durante nossas conversas ele disse com todas as palavras, sílabas, letras e pieguices: "tu é muito linda cara. Eu não me importaria nem um pouco de beijar só sua boca a vida inteira. Eu até agradecería por beijar essa deusa grega. Meu Deus, Marina, eu te desejo aaaaa".

Aparte da Breguice, eu gostaria de acreditar que uma mensagem assim significava que ele não ficaria com mais ninguém. Já que sou uma deusa grega, linda, desejável e tudo mais.

Igor não parecia estar agradecido por só beijar minha boca se ia atrás de outras.

Mas Antônio explicou. Havia bebido demais e forçou a barra com Igor. Foi chato e causou briga, não seria repetido. O que é uma péssima desculpa, mas como eu tinha noção do meu gosto duvidoso de melhores amigos, era verídico. Antônio já havia feito o mesmo comigo. De insistir e insistir para ganhar só um beijinho, só isso, só aquilo. Uma carência desesperada que causava desconforto até os ossos. Eu não havia cedido, mas não culpava Igor por render-se.

Ainda era algo que precisava comentar com ele. Nossa relação era confusa, mas mesmo que não estivéssemos namorando, o combinado era não ficar com mais ninguém, eu havia seguido essas regras e beijar Antônio era quebrá-las.

Decidi conversar com Igor na semana seguinte, no fim de semana que ele estaria em Santo Ângelo. Antônio me garantiu que foi culpa só dele, que eu mudei Igor e que ele não era mais o pitbull sedento de antes. Eu quis esperar para ter uma conversa de frente para tomar minhas próprias conclusões.

O próximo sábado era aniversário de Antônio. Ele ia fazer duas festas, porque o anfitrião que ia liberar a casa não gostava da Isa. Por isso, o grupo de amigos foi dividido em dois: Uma festa seria para os colegas de turma do Antônio e outra seria comigo e o resto das pessoas que eu conhecia. Ia me desencontrar com Igor, mas acreditava que no dia seguinte, domingo, poderíamos nos ver.

Meus amigos não estavam felizes com isso. Antônio dava esses vacilos que incomodavam. Como não convidar para aniversários e pegar o ficante da sua melhor amiga. Então durante a festa que não fomos convidados, marcamos algo entre nós.

Estava secando o cabelo, o corpo pendido para frente de forma que eu estava de ponta cabeça. As mechas secadas assim ficavam mais volumosas. Queria estar bonita, mesmo que Igor não fosse me ver. Uma pequena vingança por ele não insistir para me convidarem. Uma mão segurava o secador enquanto a outra o respondia pelo celular. Disse que estava me arrumando para sair e ele:

"Para cá?" Risadas.

"Não, vou para o Caio."

"Ah, tá." Risadas.

Igor não me respondeu mais naquela noite. Ignorei o instinto que questionava aquelas quatro letras acompanhadas por risos. Não procurei o que era engraçado em eu não ir vê-lo, para ele rir tanto como se estivesse aliviado com minha distância.

No dia seguinte, Igor teve ensaio de banda e não me convidou. Tive que pedir a ele para dar uma passada em minha casa para conseguirmos matar a saudade um pouco. A mãe dele foi buscá-lo e fez uma parada no meu portão.

Igor desceu, me abraçou, me beijou, disse ter saudades. Apertei ele de volta. Nos víamos por tão pouco tempo que era difícil não agarrá-lo nas oportunidades que tinha. Ainda o segurando, perguntei sobre o Antônio.

Respondeu palavra por palavra o que eu queria ouvir. Havia sido péssimo. Ele não queria. O garoto forçou a barra. Igor brigou depois. Mas, admitiu que foi errado o que fez e pediu desculpas, prometendo que não ia mais se repetir.

Mostrar que ele não quis me trair e assumir a culpa era o que eu precisava para perdô-lo e deixei que fosse embora.

O plano que eu criei para nós dois me fez soberba. As regras eram fáceis: não namore, não diga que o ama e evite discutir sobre a relação o máximo possível. Desde que eu seguisse essas instruções, mesmo entrando em um relacionamento estranho de exclusividade sem compromisso, meu tempo com Igor seria perfeito. Ele nem precisava fazer nada, com nossa relação toda planejada, eu tinha todo o controle.

Achava que tinha pelo menos. Roubei toda a sensação de controle para mim e deixei Igor nadando em um mar sem fundo. Enquanto eu velejava de barquinho em volta, feliz da vida, oferecendo uma cordinha para que ele se segurasse e aproveitasse o passeio. Nem notei que ele nadava para um redemoinho, puxando a corda e o barco consigo.

Não olhei para o mar, sequer olhei para Igor. Em certas circunstâncias, o preparo cuidadoso é disfarce para negação e neguei toda a personalidade de Igor para aproveitar meu velejar em paz. Não precisava conhecê-lo, o romance que criei era entre mim e uma persona qualquer, que na minha mente era um doce, mas me mandava um áudio de cinco minutos sobre como ele beijou outra mulher no aniversário do Antônio.

Meus planos eram severos, mas meu coração ainda era de maria mole. Mandei um áudio, chorando e abraçando meus joelhos no sofá vermelho da sala. Ele disse que não queria me machucar, mas como poderia dizer algo assim depois de fazer o contrário? Igor tentou se explicar, mandou mais áudios. "Não tem justificativa para o que fiz", ele disse. Desculpa, eu sei que você pode ficar brava e entendo. Eu quero me redimir, tá ligado?"

Mas não adiantava e eu continuava chorando. Raiva, tristeza e vergonha controlaram meus dedos para digitar que não conseguia conversar mais agora. Que precisava de um tempo.

"Entendo", Igor respondeu.

Ele não entendia nada. Se entendesse, não teria estragado tudo. Meus planos tinham sido levados pela correnteza. Eu queria estar devastada pela traição, tão machucada que eu não conseguiria raciocinar, mas um pensamento constante me atrapalhava: Todo o cuidado que tive para que nós funcionássemos serviu para nada. Oito meses foram para nada, porque o cara não se controlou. Precisava aguentar apenas até o dia que eu fosse embora. Depois disso ele não precisaria lembrar nem de meu nome. Na verdade, se controlar nem teria sido necessário se o imbecil não tivesse sugerido para não ficarmos com outras pessoas.

Que impactante seria se eu não parasse de xingá-lo feito esposa traída, arremessando suas roupas pela janela. Traíra, salafório, tarado, perverso. Mas o primeiro insulto que me veio foi incompetente.

Dois chifres no topo da minha cabeça o plano não cobria. Tive que improvisar. Passei uma semana decidindo se eu seria corna mansa. Pensar dessa forma era prova que até os sentimentos me sabotavam. Eu, que racionalizava cada centímetro de meus relacionamentos, havia determinado desde pequena que traição era inaceitável. Antes mesmo de conhecer o sabor de outros lábios e a ansiedade de uma paixão. Minha versão criança já havia decidido: Traição é feio. Não se faz e não se aceita. Mas lá estava eu, oscilando e vacilando.

Enquanto isso, Igor se tornava mais desconhecido. Não porque ele havia mudado, mas porque eu não tinha mais argumentos para ignorar sua personalidade. Todos diziam que ele era diferente quando estava comigo, mas como havia sido ordenado a se afastar, o que foi ocultado surgiu do esconderijo.

O álcool que Igor tomava para me elogiar por mensagem logo se mostrou um problema, pois era utilizado para se desculpar também. Dramático, irritante, brega e alcoolizado. Dia após dia, ignorando meus pedidos por espaço, ele assombrava meu celular com notificações.

Você mudou a minha vida, me desculpe, eu errei, você tá certa, me sinto péssimo, sinto sua falta, dormiu bem, posso ligar, desabafei com minha mãe e ela disse que fiz algo horrível, ela tá certa, não paro de me culpar, não consigo parar de pensar em ti, você é a pessoa que eu penso todas as vezes antes de dormir e a primeira pessoa que vem na minha cabeça quando acordo, sua falta está me matando a cada dia, eu choro toda vez que lembro que fiz você chorar, eu quero resolver as coisas entre nós, Antônio me contou o quão idiota você se sentiu com isso e eu não julgo, esses últimos dias estão sendo um martírio pra mim.

"Oi. Tu tá bêbado, não tá?"

No dia seguinte: "Tava. Desculpa por ter mandado mensagem, eu..."

E por aí foi. A semana inteira Igor bebeu todos os dias, desabafando para mim o quão triste estava. Fui traída pelo rapaz e ainda era esperado que eu tivesse dó. Pena. Culpa, talvez, por demorar tanto para aceitá-lo de volta.

" Antônio me contou o quão idiota você se sentiu com isso e eu não julgo." Eu deveria ser julgada por algo? É um alívio não ser julgada por ele?

No áudio que Igor me mandou, explicando sua traição, ele mentiu. Disse que não havia planejado o beijo e simplesmente aconteceu, mas fui comparar relatos. Segundo Antônio, ele perguntou de forma explícita se ele queria ficar com a fulana. A resposta foi sim. E meu melhor

amigo da onça incentivou Igor a abordá-la. Sem acidentes, nem rodeios. Não foi do nada, como ele disse no áudio que ainda tenho salvo.

Quero ainda acreditar que sou uma deusa grega. Mas não sou uma que Igor agradecerá por beijar apenas sua boca pelo resto da vida.

Resolvi terminar o que tínhamos. Por mais que o gosto por ele ainda permanecesse, o título Corna Mansa era vergonhoso demais. Eu beijava pessoas para manter meu orgulho intacto e pararia de beijar para assegurá-lo também.

Falei com Antônio. Eu não hospedaria Igor na minha casa, mas preferia terminar pessoalmente do que por mensagem. Por respeito, sim, mas principalmente porque eu queria me despedir do homem que amei por oito meses. Matar a saudade uma última vez.

Ele estragou esse plano também.

Sábado, o dia que combinamos de nos encontrar, assisti um filme com minhas amigas por computador. A Princesa e o Sapo. Uma boa escolha, considerando frases como: "Eu beijaria um sapo, sim. Beijaria centenas de sapos se eu pudesse casar com um príncipe e virar princesa." Dava a esperança de que meu dedo pobre era apenas o processo necessário para alcançar meu espaço junto à realeza.

Com o final dos créditos, mandei mensagem para Igor vir. Ele saiu da casa de Antônio e caminhou até a minha. Dei tchau para as garotas, prometendo chamá-las depois da conversa, e fui recebê-lo no portão.

Igor não estava lá. Não a versão que eu conhecia dele, pelo menos. Em seu lugar, quem adentrava meu pátio era um ator de novela das oito com olhar pidão e o rabo entre as pernas. Segurava as mãos na frente do corpo e demorou para encarar meus olhos. Não por vergonha. Mas era como se ele soubesse que o mais adequado seria estar triste, culpado e arrependido e era assim que todo o corpo se portava para demonstrar os sentimentos que mais dariam a possibilidade de uma segunda chance. Calculado, mas mal feito. A péssima atuação dava nojo.

Coloquei duas cadeiras de praia de frente para a outra e o convidei para sentar. Como alguém que recita um roteiro, ele agradeceu a oportunidade que dei para que se explicasse e se redimisse. E, mesmo se eu não o perdoasse, agradecia por ter tido a chance de conversar comigo uma última vez. Eu era tão compreensiva, tão legal, tão boa. Pessoas boas perdoam.

Igor tirou um desenho mal feito do meu rosto e deu para mim. Um péssimo suborno que dobrei e guardei no bolso.

A voz dele saía ensaiada quando repetia, pela milésima vez, que eu mudei sua vida. A mão tocou na minha coxa. Tudo errado, sujou a alma e me deixou mais puta. Estapeei para

longe. A voz continuou. A mão tentou de novo. Xinguei e mandei Igor não me tocar. Ele ameaçava meu espaço pessoal a cada segundo da conversa, mesmo não tendo mais esse direito.

Era como se Igor estivesse cantando, o mesmo incômodo de ouvi-lo desafinar.

O monólogo todo foi vazio. Mas o maior argumento foi um tapão na cara: ele só soube que era recíproco nossos sentimentos quando escutou meu choro pelo áudio em que descobri da traição. Lembrei das conversas em que me abri inteira, ocultando as partes mais importantes, as três palavras que tanto imploraram para serem ditas. Nós dois apenas nos conhecemos depois de Igor ter me feito de cabra e enfiado cornos enroladinhos em cima das minhas orelhas.

Esperei o choro acabar para responder. Seca e prática, ditando todos os pontos que justificavam o fato de eu não perdoá-lo, de eu não aceitá-lo. Só estava exausta, odiando a pessoa diante de mim, que roubou o meu Igor e o trocou por um robozinho de frases pré-feitas.

Igor pediu um abraço. A saudade cedeu, me levantei. Foi delicado, quente contra minha pele como o abafado de uma estufa. Difícil de respirar.

"Eu nunca vou te esquecer", ele disse.

A vontade era de rir, porque se eu tinha que ouvir isso era por ele não me levar a sério. Só assim para achar que algum clichê funcionaria naquela conversa. Cada cena de nosso relacionamento foi performada por um ator de segunda categoria e uma atriz que não sabia se expressar para o público.

"Vai sim", eu disse.

"Vou não."

"Vai sim."

"Marina."

Ele se afastou o suficiente para me encarar e levar a mão ao meu rosto. Pânico e enjoo empurraram a mão dele para longe de novo. Repeti que era para ele parar de me tocar.

"Eu nunca vou te esquecer."

Ele estava em um filme que eu não fazia parte, querendo que eu completasse o diálogo com lágrimas que se recusaram a vir de tão ridícula que era aquela situação. Eu estava com vergonha, por nós dois. Foi falso e exagerado, mas juro que aconteceu. Eu ouvi cada uma dessas palavras. O irrealismo da coisa é o que mais irrita. Porque é óbvio que ninguém diria algo assim e, se dissesse, é óbvio que ninguém aturaria oito meses disso.

Pedi para que fosse embora. Antônio foi para uma festa e me disse que Igor iria para lá depois. Tava na hora dele ir. Mas a peça não tinha terminado. O show precisava continuar. Igor se encolheu na cadeira, descendo o tronco para abraçar as pernas.

Disse que estava pensando em não ir embora. Que pensava que ficaria ali na minha casa hoje.

Guardei o insulto que quis oferecê-lo por estragar a imagem do cara que eu gostava e chamei um carro para levar ele até a festa. Esperamos, eu conversando com minhas amigas pelo celular enquanto ele se fazia de chorão, sentado nas escadas na frente da porta.

Quis um último beijo antes de ir. Engoli o refluxo e praticamente enxotei ele, repetindo e repetindo "Vai, Igor. Não. Vai, Igor."

Ele foi, mas o maldito levou consigo toda a minha confiança de criar bons planos. Estrategiar sozinha um relacionamento de duas pessoas me levou a voltar para o sofá da casa, em vídeo-chamada com minhas amigas, lembrando de quando abracei Igor naquele exato lugar. Tive dores de cabeça nos lugares em que os chifres cresceram.

## Saiam de minhas páginas

Não quero falar do Maurício. Ele é meu e de mais ninguém.

Não de forma física. Terminamos faz tempo e se todo o bem que eu já desejei para ele o alcançou, então o homem já deve estar feliz com outra. Mas o passado e os detalhes são todos meus. Preciosos demais para eu ter vontade de pôr no papel, para registrar, para dividir.

Se não tivesse comprometida com esses escritos, esconderia meus valiosos detalhes nos bolsos, selaria eles com botões, zíperes e cadeados. O que escapar de mim sobre nosso passado foi retirado à força pela necessidade de apresentá-lo. Quero que conheçam Maurício. O paradoxo entre manter esse amor guardado e explicar o porquê de cada segundo junto com ele ter sido perfeito me faz escrever e deletar os parágrafos como um tique nervoso. Eu não me aguento e falo em minúcias ao descrevê-lo.

Percebi tarde demais que eu deveria amar Maurício, mas até nisso sou grata. Talvez eu tenha o amado na hora exata. Em que tudo estava errado, mas eu não tive que criar forças para me levantar sozinha já que ele tinha caído junto comigo. Apoiamos um no outro para nos erguer. Eu fui imbatível ao seu lado.

Foi nos pequenos gestos que me conquistou, talvez seja por isso que eu esteja tão possessiva com os nossos detalhes. Descobri o quanto gosto do singelo, do cuidado e do minúsculo olhar. Talvez amor signifique ser vista por um microscópio, cada centímetro de mim sendo preservado em um tubo de ensaio como amostras sensíveis em um laboratório. Analisado, estudado e testado.

Testes como a mão de Maurício me guiando para ficar atrás dele, me protegendo de cacos de vidro que poderiam cair em nós em um brinde de Ano Novo; seu sorriso ao perceber que eu estava disposta a namorá-lo e a prontidão em me pedir em um relacionamento no segundo seguinte; o riso doce e grave quando aceitei; o beijo.

Lembranças escapam de mim fácil. A raiva fala, o amor também e o carinho por memórias antigas transbordam e vazam em palavras, palavras, palavras. Tento me conter, mas cito exemplos porque é exatamente o que Maurício se tornou para mim. Um exemplo. Fui tratada de uma forma que não estava acostumada e preciso dele como parâmetro para me manter sã. Para parar de escrever ensaios sobre homens que um dia amei e agora poluem minha mente. Maurício existiu, vai ter mais. Só preciso de um. Não ele, porque não gostamos do futuro do outro. Maurício ama sua cidade pequena, a família grande e o acampamento nos meses de dezembro. Eu não tenho nenhuma intenção em morar mais um ano sequer no interior. Já deu de padarias que fecham no domingo e amizades que se desfazem e se refazem apenas por falta

de outras pessoas para se relacionar. O que eu sonho para mim não se alinha com o que ele sonha para si.

Eu sabia desde o começo que não teríamos nada de longa data. Não tive sequer um relacionamento que pudesse olhar para a pessoa e imaginá-la comigo no leito de morte. Nem pude considerar essa possibilidade com Maurício, eu me mudei de volta para Porto Alegre quatro meses depois do nosso primeiro beijo.

Por isso não queria me comprometer com ele no começo. Além disso, havia acabado de levar um chifre do ex e não estava afim de repetir a dose.

Então éramos apenas amigos. Que se abraçavam durante conversas, encostavam as línguas e iam para o quarto.

Achei que era um acordo silencioso entre nós dois. Nunca fui pressionada a nos rotular. Mas fui aconselhada por amigos a conversar com Maurício. Acharam que o mais certo seria se tivéssemos uma discussão de relação sobre não termos uma relação.

Odiei a ideia. Porque a resposta dele poderia não ser a que eu queria. Mas seria grosseria dizer isso, então concordei e chamei Maurício, que disse exatamente o que eu não estava interessada em ouvir. Ele preferia algo exclusivo. Podíamos não estar namorando, mas não se sentia à vontade beijando outras pessoas.

Foi por conta de um discurso semelhante que eu havia sido traída. Meu último relacionamento havia acabado porque o cara pediu por exclusividade e alguns meses depois admitiu ter quebrado esse acordo. Maurício sabia disso, por essa razão não insistiu tanto, mas seus olhos ainda reforçaram a vontade de não focarmos em mais ninguém.

Quando aceitei as condições dele, acreditei ser muito burra por cair no mesmo papo. Mas Maurício fez cara triste. Magoar alguém me dá agonia, dá vontade de pedir desculpas. Precisei dizer que ele não tinha jeito para ser homem que traía. Não tinha mesmo, a questão não era aquela. Só não queria me envolver em um romance similar aquele que eu já tive, caindo nas mesmas armadilhas como se eu não tivesse aprendido nada das experiências passadas. Se era para meu coração quebrar, que fosse de outro jeito. Mas esses raciocínios eu guardo para mim. Perdi meus argumentos contra uma relação exclusiva no momento em que admiti que ele não tinha cara de fanfarrão.

Mesmo só ficando com Maurício e mais ninguém, não tinha o interesse em me comprometer. Não trairia porque sou cabeça dura em relação a isso, mas só aproveitava o físico e a companhia. Sem me enfiar em alma, nem coração. Não esperava mais nada de nós. Maurício me conquistou de forma lenta e, de novo, nos detalhes.

A casa dele era o ponto de encontro entre meus amigos por um tempo. Estavam todos conversando na cozinha enquanto eu e ele nos beijávamos no sofá da sala. Por um milagre da natureza era a minha playlist que tocava. Um MPB atual, daqueles fofos de se ouvir balançando na rede. Em dias comuns, nunca me deixariam por esse tipo de música. Só ouviam Synth Wave para acompanhar o narguilé. Ou sertanejo, pois Maurício convenceu os outros caras do grupo que a dor de cotovelo das músicas eram agradáveis ao ouvido. Mas MPB, jamais.

Como naquela noite me permitiram controlar a caixinha de som, eu estava toda pimpona, com minhas musiquinhas tocando bem alto na sala. Até lembrar que eu não deveria beijar alguém enquanto ouvia letras que eu conhecia de cor. Porque meu autocontrole é fraco. Separava os lábios e cantava baixinho para Maurício, contagiada com a melodia familiar. A cada dez segundos eu interrompia o beijo para murmurar junto com os cantores.

Eu sabia que era irritante por experiência. Tive um ex que não aguentava me ouvir cantar. Era um vício meu lembrar de letras de músicas que combinavam com algo dito por alguém.

Ele dizia: "É a minha namorada".

Eu lembrava de Seu Jorge e começava: "Minha mina, minha amiga, minha namorada."

Ele me mandava calar a boca.

Perdi a mania de fazer isso depois de enraivecê-lo demais.

Mas a letra das músicas que saíam da caixinha eram muito gostosas para não cantar, mesmo sabendo que atrapalhava.

Tocava "Pode se Achejar", de Agnes Nunes e Tiago Iorc. Era boba e doce e eu amava.

Afastei-me dos lábios dele: "Na imensidão dos teus cabelos negros, eu vi meu corpo no teu, dando um nó..." Apontei para as mechas escuras de Maurício, brincando com os fios. Quis me desculpar logo depois. Porque não queria incomodar. Não era um insulto ao seu beijo também, o fato que não me mantinha aproveitando o amasso. Lembrava-me do ex e não queria que Maurício desejasse que eu calasse a boca, mas ele sorriu de volta para mim. Disse: "Você é muito fofa cantando."

Eu me apaixonei bem nesse momento. Maurício me contou que se apaixonou quando eu mexi em seus cabelos.

Pedi pela playlist, decorou a letra. Vez ou outra botava para tocar na caixa de som e cantávamos juntos.

Caio, um amigo nosso, viajou durante as férias de dezembro. O que não seria algo de importância se nosso círculo social não estivesse passando por um momento delicado. Caio era considerado o pai do rolê. O mais velho, o orientador, a voz da razão. Era um fazedor de piada,

mas unia todo mundo, juntava como família. Muitos dos garotos do meu grupo não tinham boas relações paternas e ele se tornava essa figura substituta. O que significava que as crianças estariam sem supervisão durante o Natal.

O momento sociopolítico da rodinha de amigos em Santo Ângelo era de conflito. Guerra Civil. O grupo foi dividido em dois por brigas difamatórias. Um falou mal de outro em segredo, que não gostou dos insultos. O que difamou quebrou o narguilé do outro, não quis pagar, daí a mãe de um se enfiou na discussão, outro xingou essa mãe, outro falou mal da namorada de fulano e por aí foi. Um caos que não tinha muito a ver comigo, mas escolhi lado mesmo assim. Já que o outro era onde meu ex estava. Aquele que me deu um chifre. Antigo amigo de Maurício, aliás. Eles pararam de se falar desde que um ficou com a ex do outro. Código de honra masculino e tals.

Fui a causa para o fim da amizade, mas como eu não tinha traído ninguém, a culpa falhou em me atingir.

De qualquer forma, sou um docinho de gente. Perguntei para Maurício se tudo bem estarmos juntos, sendo que o antigo amigo dele ressentiria nossa relação. Ele conversou comigo sobre meu ex na primeira vez que ficamos. Já tinha se preparado para aquilo. Fez toda uma assembléia com nossos amigos homens sobre o que deveria fazer. Conclusão: ele não concordava com a traição e se impedir de ficar com alguém por respeito a um cara que ele considerava desrespeitoso não fazia sentido.

Meu ex não afetava nenhum de nós. Mas o que magoava era ter meu melhor amigo, Antônio, do lado dos inimigos. Ele vivenciou meu término. Ouviu choro, me confortou, se embebedou comigo. Mas toda vez que Igor, meu ex, aparecia na cidade, Antônio chamava ele e alguns amigos para sua casa e não me convidava. O pobrezinho do traíra estava muito triste e não aguentaria me ver em pessoa. Fui cortada de festas e saídas porque Igor sentiu tanta culpa ao me magoar que me ostracizou com muita dor no coração.

Estava furiosa com aquela história. Até descobrir por Isa, Renato e Ivan, meus aliados, que Igor ia fazer um show em Santo Ângelo. Convidou até eles, mas eu e Maurício estávamos proibidos de comparecer. Antônio vetou nossa presença. Espumei pela boca.

Liguei para ele. O cara enrolou. Falei com meus amigos. Eles queriam ir, mesmo brigados com 80% da galera que estaria presente. Sugeriram para a gente ir junto, causar o caos, fazer baderna. Foda-se o mundo. Revolução.

Mas Caio, à distância, mandou mensagem no grupo de conversas e disse que a gente não era burro para fazer isso. Ia dar briga, eu ia me machucar, não valia a pena. Não era como se eu discordasse, mas engolir o fato de que seria excluída por ter levado um chifre era difícil.

Caio respondeu em nome do grupo, dizendo que não havia razão para o resto de nossos amigos irem também. Deixar eu e Maurício para trás enquanto iam ver pessoas que não gostavam deles. Isa, Renato e Ivan concordaram. Não iriam para o show se não fôssemos juntos.

Fiquei emotiva. Falei até com minha mãe de não esperar ter criado um grupo tão leal. Não esperava. Estava acostumada com amizades como a de Antônio, que me abandonou para curtir uma festa maior. Caio insistiu para nos apoiarmos. O peito deu aquela esquentada, se sentiu amado. Era bom ouvir aquilo.

Por isso, eu e meus amigos de verdade, muito mais legais do que qualquer apresentação de um cantor ruim, resolvemos ter uma festa extremamente mais melhor. Saímos para tomar sorvete na noite do show, rindo e falando mal de meu ex e todo o resto daquele grupinho que não nos importava. Demos duas voltas na quadra em volta do bar em que Igor cantava, casquinhas na mão.

Isa, Renato e Ivan não aguentaram mais do que isso. O sentimento de união durou pouco. Pediram para eu e Maurício esperarmos na esquina, que iam dar apenas uma pequena passada para cumprimentar as pessoas lá dentro.

Abandonados, como Caio disse que não seríamos, nós dois sentamos na escadaria do banco Itaú. Isa, Renato e Ivan se afastaram. Maurício segurou minha mão. Eu olhei para o lado porque estava de rímel e comecei a lacrimejar. Pedi para ele me seguir até o boteco da esquina para comprar uma água. Fui ao banheiro, pisquei para o meu reflexo até as lágrimas pararem de ameaçar cair, voltei para ele. Senti que choraria de novo.

Xinguei tanto eles. Mentirosos, hipócritas, falsos. Questionei o quanto valia a lealdade daquelas pessoas que quebraram até um pequeno combinado. Maurício era mais quieto, mas reclamou comigo. Apertou forte a minha mão e concordou com tudo. Acrescentou xingamentos. Entrelaçou nossos dedos.

Quando voltaram para caminharmos pela rua, eu fiquei quieta. Se não ia chorar mesmo, olhar na cara deles era difícil. Segurei o braço de Maurício e avisei que iria embora. Ele pediu para eu passar a noite na casa dele. Não queria ficar sozinho. Aceitei. Ele disse para o grupo parar, que ia chamar um carro, que estava puto, que eu estava puta também. Tentei fazer um discurso de como aquilo havia me machucado, mas as lágrimas enchiam os olhos e não me deixavam concentrar. Resumi a frustração, deslizando os dedos abaixo das pálpebras para secar a pele molhada. O carro chegou e fomos embora.

Deitamos na cama. Maurício mexeu nos meus cabelos enquanto eu acaricieei seu rosto, um observando o outro. Magoar-se e ter alguém para lhe confortar é uma coisa. Mas é muito diferente duas pessoas se entristecerem pela mesma razão e se confortarem juntas. Criei um elo

com ele naquela noite, um impedindo o outro de se afundar em pensamentos ruins. Podíamos achar que tínhamos péssimos amigos, mas não que estávamos sozinhos. Porque eu o abraçava em seu tronco enquanto ele abraçava meus ombros, não deixando nenhum dos dois caírem.

Perdoamos o resto do grupo eventualmente, mas a parceria que encontrei com Maurício nunca sumiu.

Isa, Renato e Ivan pediram desculpas. Antônio explicou a razão para ter ficado do lado de meu ex. Igor tentou cometer suicídio poucos dias depois de nosso término. Misturou remédios com álcool. Ficou internado por dois dias.

Antônio disse que não me culpava, mas também que foi por conta da tristeza que meu ex sentiu quando terminei que ele resolveu se matar. Outra pessoa compreenderia o ponto de vista de Antônio, choraria por Igor e lhe desejaria o melhor à distância. Alguém melhor do que eu talvez tivesse pena. Eu mantive minha raiva, a finquei no chão. Meu ex tinha suas próprias questões para lidar. Minha soberba era grande, mas não o suficiente para acreditar que fui a responsável por sua internação. "Eu sei, eu sei", Antônio disse, mas nunca mais me chamou para algo em sua casa. Não queria magoar o amigo, quis protegê-lo de mim.

Maurício disse que já sabia. Não contou para não me entristecer. Não era algo que causava tristeza, só inconformismo. Eu fui traída, depois isolada. Para piorar, queriam que eu fosse compreensiva com o culpado por isso.

Mas quem liga? Maurício me pediu em namoro em um acampamento. Havia chamado o grupo todo para visitar o trailer da família, mas só eu fui.

No carro, conversando com ele e seu cunhado, seu braço envolvendo o meu ombro, tudo pareceu insuficiente. A relação que nós tínhamos não supria meus sentimentos exatos. Não queria Maurício como "um cara que fiquei por poucos meses antes de eu voltar para Porto Alegre, mas nunca foi nada sério". Ele era o exemplo de homem que eu gostaria de ter. Seria pouco tempo que ficaríamos juntos, precisava de um jeito para marcá-lo como especial. Queria ele como namorado.

Depois de me apresentar para a família toda, fomos jantar sozinhos na mesa de frente para o trailer. Maurício riu, dizendo que foi estranho quando perguntaram se eu era sua namorada e ele não sabia como responder. Encolhi os ombros, dando uma intenção subentendida em minhas palavras ao perguntar se ele não se incomodava em ter um relacionamento com prazo de validade. Alguns segundos de silêncio e ele negou. Perguntou se eu me importava. Respondi que se fosse com ele, não. Maurício me pediu na hora e deu um sorriso imenso quando aceitei.

No dia seguinte ele queria me levar para o açude. Maurício me contou que planejava dizer que me amava de frente a vista do pôr do sol refletindo na água. Nadamos até o céu amarelar e se mesclar em um tom quase esverdeado no céu. O astro não se pôs do jeito bonito que ele tinha na memória. Resmungou para mim sem que eu entendesse nada e voltamos para o acampamento.

A água do açude me deu uma cistite violenta. De tanta dor, não havia Deus em meu corpo. Era apenas demônios queimando minha parte íntima com o fogo do inferno. Passei a noite encolhida na nossa tenda, gemendo e tentando ficar imóvel para não piorar. Maurício me abraçou, eu não consegui abraçá-lo de volta. Quando seu braço começou a formigar com o peso do meu pescoço ele se virou para o lado.

"Boa noite", ele disse.

"Boa noite, dorme bem."

"Dorme bem. Te amo."

Talvez eu estivesse delirando por conta da infecção. A dor era a maior constante, mas tentava afastá-la para interpretar aquelas duas palavrinhas.

"Você disse eu te amo?"

Ele ficou quieto por um tempo. Durante todo nosso relacionamento, esse foi o momento em que mais quis matar aquele homem.

"Disse, sim."

"Ah... eu também te amo."

Algumas semanas antes de eu ir embora, Maurício consertou o ar condicionado de minha casa, deixou meu computador mais rápido e fez companhia enquanto empacotava minhas coisas. No último dia, passou seu perfume no Pikachu de pelúcia que tinha e me deu como presente. Dormimos juntos e ele não me deixou devolver sua camiseta. Ainda é um pijama em meu armário.

Maurício disse para eu não chorar, porque ele estava se controlando. Não adiantou em nada, sou chorona por natureza. Apertei suas costelas forte contra mim. Foi a última pessoa que vi antes de ir embora e a despedida que mais importava. Maurício segurou o choro, só ficou com os olhos vermelhos. Escondeu qualquer lágrima que escorreu quando enxugou o rosto abraçado em mim. Entrei no carro e acenei até perdê-lo de vista.

O relacionamento foi curto. Não vamos mais nos ver. A saudade já se dissipou. Mas Maurício, ainda tendo um espaço carinhoso em meu coração, foi minha agradável surpresa. Meu relacionamento mais saudável. Ele ainda está preso em minhas páginas e agora em um ensaio que não é para ninguém ler. Se em algum momento dividi com meus leitores parte de

seu afeto, peço que me devolvam. Quero de volta. Deixe essas memórias comigo, pois Maurício é meu exemplo preferido de amor.

## Sempre Virgem

Assim como já fui vários tipos de compromissada, fui diversas formas de solteira. Já fui a solteira inexperiente. A que lê sobre romances e questiona qual é o gosto da língua de garotos. Essa acha que sabe do mundo inteiro. A teoria está memorizada em sua mente, uma especialista sem nenhuma prática.

Ela tem certeza que será uma incrível namorada, uma esposa melhor ainda. Beijará o homem mais bonito que já existiu e ele cairá aos seus pés assim que seus lábios se tocarem.

A solteira inexperiente decora o cheiro do perfume do garoto que ela gosta. Prende a respiração apenas para inspirar no momento exato em que ele cruza seu caminho. Ela sonha, se tortura e ama o que nunca existiu.

Lembro que na aula de Língua Portuguesa do meu nono ano tivemos que ler Romeu e Julieta. Como forma de avaliação, nossa turma se dividiu em grupos, cada um tendo que atuar e gravar uma das cenas da peça. Eu fui Julieta, encontrada falsamente morta por sua família. O garoto que eu gostava não foi Romeu. Foi Páris, que em um momento de tristeza segurou a mão de sua falecida noiva.

Ele não sabia suas frases e precisou refazer a cena até a bateria da câmera acabar. Meus colegas o xingaram, mas eu poderia ter ficado horas ali, de olhos fechados, fingindo estar morta. Só para a mão dele continuar apertando a minha.

Também já fui solteira desesperada. Aquela que terminou seu último relacionamento a uns bons meses e não aguenta mais. Essa solteira desliza a mão direita na bochecha esquerda, imaginando que a carícia vem de outra pessoa. Ela acredita que um amigo pode fazer papel de cupido, mesmo que ser arranjada é universalmente uma péssima ideia.

Esse tipo de solteira vira bicho da mata. Caçadora. Desenvolve olhos treinados em busca de carne fresca. Não vai ser angus nem brangus. Mas evita a fome.

Em casos de sorte, a solteira desesperada pode se tornar a solteira bruxa. De tanto desejar por um futuro namorado, manifesta ele na sua frente. O cara perfeito para ocasião apenas brota do chão, pó de pirlimpimpim sujando as roupas.

Uma hora você está reclamando do quão chato é não conhecer nenhum homem bonito para se grudar. Na outra, o amigo da amiga do amigo resolveu ir ao Burger King com seu grupo. Ele é loiro, tem mais de um e oitenta e é gato pra cacete. Os abracadabras da bruxa assustam de tão eficientes.

Daí você namora o loiro, descobre que ele é libertário e tem problemas com a mãe. Por consequência, o relacionamento termina. Você se torna a solteira que desistiu do amor.

Desistir é uma palavra forte. Eu nunca cheguei a esse ponto. Sou romântica até os ossos. Meu sangue é água com açúcar. Mas depois de término, eu tendo a dar um respiro das relações antes de me enfiar em uma de novo. É quando arrasto amigas para a festa.

As luzes vermelhas que beneficiam nossas feições e nos deixam mais gostosas era uma das maiores razões para mim e minha amiga gostarmos das casas noturnas. Agora ela é caseira e tem um namorado e eu raramente vou para festas. Gosto de noites bem dormidas e minhas companheiras que aguentavam a madrugada comigo resolveram ter relacionamentos felizes. Bom para elas.

Mas na época, essa amiga vinha sempre junto para as festas. Ela era a única que bebia. Eu tomava Roacutan e precisava me manter sóbria. Só me intoxicava da energia dos bêbados e dançava como se estivesse tonta. Beijávamos e falávamos mal de gente feia, pedíamos água da torneira e ficávamos com dor de garganta no dia seguinte.

Jurávamos que ali encontramos o amor de nossas vidas (eles quebravam nossos corações logo depois, ficando com outras a metros de distância de nós).

Na semana seguinte começava tudo de novo, porque minha amiga sempre esquecia metade das merdas que a gente tinha feito da última vez em que estivemos ali.

Casas noturnas possuem uma magia de aumentar a autoestima. Quem é determinado, consegue beijar a casa toda. Se o beijo for longo, seu número de seguidores no Instagram aumenta. Mais alguém para curtir seus stories. Talvez você consiga um encontro. Já tive um, mas não foi adiante. Por mais que festas aumentem suas opções no cardápio, ainda não encontrei nelas um potencial “homem da minha vida”.

Mas eu procuro. Sou melosa e sempre estou em busca de algo a mais. Mesmo na minha fase de desistência temporária do amor, ainda há parte de mim querendo o aconchego.

Só não caço feito solteira desesperada quando sou solteira produtiva. É a minha forma preferida de aproveitar a independência emocional.

Sem tardes perdidas em casas de namorados e sem paciência para as festas dos fins de semana, eu sento a bunda na cadeira e trabalho. Prefiro quando estou namorando, mas nos intervalos que faço entre os homens, deveria me manter nessa solteirice produtiva por tempo integral. Ela é a melhor de todas. Minha necessidade por carinhos é suprimida pela dopamina de tarefas cumpridas e agendas lotadas.

Nesses dias, em que eu acordo sabendo o que preciso fazer, minha consciência se alinha com as estruturas ósseas. As articulações se corrigem. Tudo avança.

Em seguida, alguém bonito me atira o olhar. Meu interesse se transfere das tarefas incompletas para um sorriso atraente. A solteira produtiva não costuma ficar por grandes

períodos de tempo. Afasto minhas obrigações para priorizar a análise do potencial romance. Quando a vontade pega, a produtividade some e viro solteira em uma missão: Seduzir esse sujeito até eu perder a atração por ele ou ser levada ao altar (a segunda possibilidade ainda não ocorreu, porém ainda se aplica).

Meu coração já bateu por muito pouco. Essa necessidade de conferir se os batimentos cardíacos estão funcionando cansa. Não do amor, mas da sua falta. Mesmo me relacionando com alguém, a racionalização, classificação e estratégia impedem o amor de aparecer.

Beijei, me apaixonei, fui machucada, mas sempre com a intenção de ganhar experiência. De conhecer o que as conexões ofereciam. Tem gente que, em todo o relacionamento que entrou, foi com a esperança de durar para sempre. Não me identifico. Sempre namorei aceitando que não seria eterno, que seria um amor relâmpago, que a relação duraria até seu prazo de expiração e por ora bastava.

Falta compromisso em mim. Minha alma é de princesa sonolenta, ainda não sou o cavaleiro de armadura dourada. Não lutei por nenhum amor para que fosse eterno. Primeiro vinha o interesse, depois a paixão, o envolvimento e finalizava com o enjoo. O aviso de que não tinha como dar certo. Não brigava, nem discutia. Terminava rápido para ter outra paixão em seguida.

Quem sabe namorei apenas para ter conteúdo para escrever esse livro. Mas ele chega em suas últimas páginas e enjoei dele também. Quero um término de meus ensaios. Não são eles, sou eu. Quero buscar o fim das páginas. Um amor de epílogo. Aquele que é mencionado apenas nos agradecimentos.

Vai ser um romance chato e sem sal. Sem clímax, nem tensão. Vai ser demorado, repetitivo e teimoso. Não valerá a pena escrever um ensaio sobre. Sua magia estará em páginas mal escritas e caligrafia torta.

Ou talvez seja uma obra prima. Amor de filme. Há um número infinito de estrelas e ninguém tem como provar que o meu nome e o da minha alma gêmea não estão escritos em algum lugar entre elas. Não consigo prever como será minha vida, mas posso tentar. Racionalizarei até meu último suspiro.

Após finalizar a última linha, vivi feliz para todo o sempre. Casei, fui rica, amei e morri apenas duzentos anos depois. Nunca mais fui solteira.

## REFERÊNCIAS

TONJES VERSJON. Produtora: Tonje Aursland. Oslo: Rádio NRK P2, Oslo, 2010. Rádio documentário. Disponível em: <https://sverigesradio.se/artikel/4577081>. Acesso em: 13 de junho, 2023.

BRETT, Doris. **Eating the Underworld**. Australia: Random House Australia, 2001.

CAPOTE, Truman. **Música para Camaleões**. Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAPOTE, Truman. **Súplicas Atendidas**. Tradução: Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009.

DAVID, Henry. **Spare**. New York: Random House, 2023.

Evaristo, Conceição. A gente combinamos de não morrer. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Palas Editora, 2016.

HARARI, Yu. **Sapiens: Uma Breve História da Humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HUSTON, Nancy. **A Espécie Fabuladora: Um Breve Estudo Sobre a Humanidade**. Tradução: Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2012.

KARL OVE KNAUSGÅRD INTERVIEW: LITERATURE SHOULD BE RUTHLESS. Entrevistador: Kasper Bech Dyg. Entrevistado: Karl Ove Knausgard. Humlebæk, Dinamarca, Louisiana Channel, aug. 2016. Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=00oywGOoU9w&t=676s>. Acesso em: 16 jun. 2023.

KARR, Mary. **The Art of Memoir**. New York: HarperCollins Publishers, 2015.

KNAUSGARD, Karl Ove. **A Morte do Pai: Minha Luta 1**. Tradução: Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2009.

LAMOTT, Anne. **Bird by Bird: Instructions on Writing and Life**. New York: Anchor Books, 1995.

OATES, Joyce. **The Faith of a Writer: Life, Craft, Art**. New York: HarperCollins Publishers, 2003.

WILDE, Oscar. **De Profundis**. Tradução: Cássio de Arantes Leite e Munira H MutranMarcelo. São Paulo: Tordesilhas, 2014.